

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

A Casa de Cultura Japonesa e o Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo:

SUAS TRAJETÓRIAS E RELEVÂNCIA

Regina Erika Shiino

Abril de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos sob orientação da Prof.^a Cláudia Vendramini Reis.

A CASA DE CULTURA JAPONESA E O CENTRO DE ESTUDOS JAPONESES DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO: SUAS TRAJETÓRIAS E RELEVÂNCIA¹

Regina Erika Shiino²

RESUMO

O presente artigo apresenta análises do papel desempenhado pela Casa de Cultura Japonesa e pelo Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo (CEJAP-USP) por meio de pesquisas bibliográficas e entrevistas realizadas com integrantes e ex-integrantes da diretoria do CEJAP. Pretende-se também analisar de que maneira as ações culturais dessas instituições vêm promovendo a cidadania cultural e o direito à cultura na cidade de São Paulo, que se destaca no quadro da imigração japonesa no Brasil. Além disto, ao traçar uma breve linha cronológica, intenciona-se verificar, paralelamente, se houve interrupções ou descontinuidades administrativas nas atividades desenvolvidas pelas duas instituições mencionadas.

Palavras-chave: Cultura Japonesa; Cidadania Cultural; Centro de Estudos Japoneses; Casa de Cultura Japonesa; Imigração Japonesa.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of the role played by the House of Japanese Culture and the Center for Japanese Studies of the University of São Paulo (USP) through bibliographical research and interviews conducted with members and former members of the board of the Japanese Studies Center of USP. It is also intended to analyze how the cultural actions of these institutions have promoted cultural citizenship and the right to culture in the city of São Paulo, which stand out in the context of Japanese immigration in Brazil. In addition, it is intended to verify if there were interruptions or administrative discontinuities in the activities developed by the two mentioned institutions, by drawing a brief chronological line.

Keywords: Japanese Culture; Cultural Citizenship; Center for Japanese Studies; House of Japanese Culture; Japanese Immigration.

RESÚMEN

En este trabajo se presenta el análisis del papel de la Casa de la Cultura Japonesa y el Centro de Estudios Japoneses de la Universidad de Sao Paulo (USP) a través de búsquedas en la literatura y entrevistas con los miembros y ex miembros de la junta del Centro de Estudios Japoneses de la USP. También se propone analizar cómo las actividades culturales de estas instituciones han estado promoviendo la ciudadanía cultural y el derecho a la cultura en la ciudad de Sao Paulo, que se destacan en el contexto de la inmigración japonesa a Brasil. Además, al trazar una línea de tiempo corto, tiene la intención de comprobar si hubo

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do título de especialista em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

² Graduada em Letras com habilitação em Japonês pela Universidade de São Paulo.

interrupciones o discontinuidades en las actividades administrativas llevadas a cabo por las dos instituciones.

Palabras clave: Cultura Japonesa; Ciudadanía Cultural; Centro de Estudios Japoneses; Casa de la Cultura Japonesa; Inmigración Japonesa.

1 Introdução

A Casa de Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo está localizada no campus Butantã desta universidade e abriga o Centro de Estudos Japoneses da USP (CEJAP). Juntos, vêm promovendo a cultura japonesa na cidade de São Paulo e exercendo a cidadania cultural.

Pretende-se, neste trabalho, analisar a trajetória da Casa de Cultura Japonesa da USP e do CEJAP, investigando o que eles simbolizaram e simbolizam, bem como verificando se houve interrupções ou descontinuidades e ausências administrativas no cumprimento do seu papel. Para a realização dessa análise, utilizou-se como base teórica os estudos do sociólogo Antonio Albino Canelas Rubim sobre as políticas culturais no Brasil.

Uma das principais intenções é analisar de que forma as instituições mencionadas têm contribuído para a difusão da cultura japonesa no contexto local e nacional. Para a realização desta abordagem, trabalhar-se-á com a dimensão sociológica de cultura, seguindo os termos definidos por Botelho: “[...] é uma produção elaborada com a intenção explícita de construir determinados sentidos e de alcançar algum tipo de público, através de meios específicos de expressão” (BOTELHO, 2001, p. 74). Vale mencionar que a Casa de Cultura Japonesa pode ser considerada como um *lócus* a proporcionar o aprimoramento dos estudos japoneses, dado que, ao longo do ano, programa palestras e simpósios sobre temas relacionados ao Japão no âmbito da cultura, língua, literatura e relações internacionais.

Para a obtenção de informações necessárias para esta análise, optou-se por recorrer aos testemunhos de pessoas envolvidas diretamente com a Casa de Cultura Japonesa e o Centro de Estudos Japoneses, já que não há fontes escritas no acervo da biblioteca da USP, além do arquivo do próprio Centro. Esta metodologia está baseada nos estudos de Marieta de Moraes Ferreira:

Uma avaliação mais detida do campo do que tem sido chamado de história oral nos permite detectar duas linhas de trabalho que, embora não excludentes e entrecruzadas em muitos casos, revelam abordagens distintas. A primeira delas utiliza a denominação história oral e trabalha prioritariamente com os depoimentos orais como instrumentos para preencher as lacunas deixadas pelas fontes escritas. Essa abordagem tem-se voltado tanto para os estudos das elites, das políticas públicas implementadas pelo Estado, como para a recuperação da trajetória dos grupos excluídos, cujas fontes são especialmente precárias. (2002, p. 325)

O historiador inglês Peter Burke (1992) considera que, para se reconstruir fatos na nova história³, o historiador poderá “[...] examinar uma maior variedade de evidências. Algumas dessas evidências são visuais, outras orais [...]” (BURKE, 1992, p. 14). Desse modo, recorrer à história oral, pode ser considerado um meio válido para coletar informações que reconstituem uma história.

Pelo fato deste artigo também abordar secundariamente a questão histórica da Casa de Cultura Japonesa e do Centro de Estudos Japoneses da USP, a descrição dos fatos se apoia na narrativa estruturalista em vez da narrativa tradicional, as quais são distinguidas por Burke da seguinte maneira:

Os historiadores da narrativa tradicional tendem – e isto não é exatamente contingente – a exprimir suas explicações em termos de caráter e intenção individuais; explicações do tipo “as ordens chegaram tarde de Madri, porque Felipe II não conseguia decidir o que fazer,” [...] Os historiadores estruturais, por outro lado, preferem explicações que tomam a forma: [...] “as ordens chegaram tarde a Madri porque os navios do século dezesseis demoravam várias semanas para cruzar o Mediterrâneo.” (BURKE, 1992, p. 332)

A Casa de Cultura Japonesa foi integrada à Universidade de São Paulo, mas sua administração, desde a sua inauguração até o ano de 2004, foi de responsabilidade da Aliança Cultural Brasil-Japão. Portanto, há a necessidade de se esclarecer sobre esta relação com a Aliança, que inclusive construiu o prédio, e isto será feito ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

Primeiramente deve-se pensar nos motivos que levaram o Reitor da USP a propor a criação de uma Casa de Cultura Japonesa. Um dos fatores que propiciou essa proposta foi a existência do curso de graduação em Letras com habilitação em japonês na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, e do Centro de Estudos Japoneses. Este curso se iniciou em 1962, com a criação da Seção de Estudos Orientais⁴ (anexo I) e permanece atuante até o presente⁵. Por sua vez, o Centro de Estudos Japoneses da USP foi oficializado pelo decreto nº 50.863, de 18 de novembro de 1968 (anexo II).

³ “Nova história”, segundo Burke é mais conhecida como *La nouvelle histoire*: “É por isso difícil apresentar mais que uma descrição vaga, caracterizando a nova história como história total ou história estrutural” (Burke, 1992, p. 10)

⁴ Decreto 40.784, de 18 de setembro de 1962.

⁵ Informações sobre o curso de graduação em Letras com habilitação em japonês estão disponíveis no sítio na internet do Departamento de Letras Orientais.

Quanto à construção, foi favorecida por diversas condições da época. Entre elas estão: o interesse de instituições - como o próprio Centro de Estudos Japoneses; a campanha da construção por parte da Aliança Cultural Brasil-Japão; apoio financeiro do Governo do Japão e entidades japonesas do Brasil; e apoio da colônia japonesa presente no Estado de São Paulo.

No primeiro capítulo, apresenta-se um panorama do início da imigração japonesa no Brasil; no capítulo seguinte, um breve histórico da criação da Casa de Cultura Japonesa e a transferência de sua administração à USP; no terceiro capítulo, também um breve histórico do Centro de Estudos Japoneses da USP e sua atuação ao exercer a cidadania cultural. O quarto capítulo apresenta uma descrição das entrevistas (perguntas e respostas) e verifica se houve ruptura ou descontinuidades no cumprimento de seu papel, bem como se houve ausências administrativas.

1.1 Sobre a história da imigração japonesa

Ao se fazer uma retrospectiva, pode-se considerar elementos que se associam à presença de imigrantes japoneses e o relacionamento de cooperação que unia estes dois países tão distantes geograficamente - os quais têm ligação indireta com a criação da Casa de Cultura. O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação foi assinado em novembro de 1895⁶, tendo como principal objetivo o impulso da imigração japonesa ao Brasil. Segundo Ninomiya (1995-1996), com a abolição da escravatura em 1888, por meio da assinatura da Lei Áurea, o país estava em busca de outra mão-de-obra para as fazendas cafeeiras. O contrato de imigração foi assinado em 06 de novembro de 1907, em São Paulo⁷ e “[...] os primeiros imigrantes partiram do Japão em 28 de abril de 1908, desembarcando no dia 18 de junho no Porto de Santos” (ARAI, 2008, p. 24 e 30).

Desde o início, entre 1907 e 1924, “[...]a imigração japonesa foi destinada a São Paulo[...]” (KODAMA; SAKURAI, 2008, p. 20), por meio de contratos entre as companhias de imigração japonesa e os cafeicultores paulistas. Ainda, segunda as autoras, foi decisiva a atuação das companhias japonesas de emigração, dentre as quais a de maior destaque foi a *Kaigai Kogyo Kabushiki Kaisha (KKKK)* - Companhia Ultramarina de Desenvolvimento S.A. O objetivo dessa companhia era adquirir terrenos, e isto resultou no nascimento de colônias de

⁶ Disponível no sítio na internet da Embaixada do Japão no Brasil: http://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/relacoes_bilaterais.html. Acesso em 17 de jan. 2017.

⁷ Disponível no sítio na internet do Consulado Geral do Japão em São Paulo: <http://www.sp.br.emb-japan.go.jp/pt/comunidade/historico.htm>. Acesso em: 17 jan. 2017.

japoneses: “[...] Seu objetivo era fixar colonos proprietários em terras adquiridas por elas, em acordos de compras ou concessão com o governo do estado. De tais acordos, surgiram colônias como as de Registro, Iguape e Sete Barras no Vale do Ribeira [...]” (KODAMA; SAKURAI, 2008, p. 21).

A expansão dos primeiros imigrantes também aconteceu a partir da Estrada de Ferro Mogiana, na zona nova do café de São Paulo e nas áreas abertas pelas novas estradas de ferro, como no noroeste paulista, nas regiões Araraquarense, Alta Sorocabana e Alta Paulista.

Para se ter noção do número de imigrantes, em 1920, do total de 27.976 (1,8% do total de estrangeiros) japoneses residentes no Brasil, 24.435 (87,3% do total de japoneses residentes no Brasil) residiam no Estado de São Paulo. Após 40 anos, em 1960, do total de 155.982 imigrantes 115.752 moravam no Estado de São Paulo (74,2% do total de japoneses no Brasil) e em 1970, na década da construção e inauguração da Casa de Cultura Japonesa, do total de 158.087 japoneses residentes no Brasil, 119.338 (75,5% do total de japoneses no Brasil) residiam no Estado de São Paulo (IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO, 1920/2000). Em relação a outros estrangeiros, a proporção de japoneses era de 1,8% em 1920, de 11,1% em 1960 e de 12,9% em 1970 (IBGE - CENSO DEMOGRÁFICO, 1920/2000). Portanto, nota-se um crescimento na proporção de japoneses em relação ao total de estrangeiros residentes no Brasil, até a década de 1970.

A imigração japonesa no Brasil “[...] teve sempre um caráter oficial, diferentemente das imigrações espontâneas como a dos sírio-libaneses [...]” (SAKURAI, 1995, p. 34), ou seja, a vinda dos japoneses resultou de acordos entre os governos dos dois países, apesar de alguns representantes dos governos do Brasil se manifestarem contra a imigração de asiáticos (KODAMA; SAKURAI, 2008, p. 18). Entende-se que houve interesse de ambos os países, pois, conforme Ninomiya (1995/1996), o Japão, no início do século XX, buscava resolver a questão do alto índice demográfico no país, através da emigração, e o Brasil procurava suprir a necessidade de trabalhadores para a produção cafeeira, após a libertação dos negros escravizados. Ainda, conforme este autor, os fazendeiros se sentiam inseguros de contar apenas com a mão-de-obra de trabalhadores provenientes da Europa.

O Brasil abriga a maior população de descendentes, seguido pelos Estados Unidos da América⁸, devido a esforços de ambos os governos. Atualmente, em território brasileiro, vivem cerca de 1,9 milhão de descendentes de japoneses⁹.

Os primeiros destinos dos japoneses para emigração foram Estados Unidos e Peru, mas questões relacionadas ao racismo restringiram a entrada dos nipônicos nestes países. Já o Brasil foi favorável à imigração japonesa durante a maior parte do movimento imigratório japonês, mas não ficou isento de crises. Nos Estados Unidos, a imigração de asiáticos foi barrada através do *Immigration Act of 1924*, no qual foi estipulada uma cota de imigrantes por nacionalidade: apenas dois por cento do total de imigrantes das respectivas nacionalidades, com base no censo de 1890, poderiam entrar no país. Essa medida excluiu os japoneses, que iniciaram o movimento migratório internacional somente no final do século XIX. O intuito do governo estadunidense foi o de preservar a composição racial, pois julgavam isto mais importante do que manter uma relação fraterna com o Japão: “Apesar do crescimento das tensões, parecia que o Congresso dos EUA decidiu que preservar a composição racial do país era mais importante do que promover um bom relacionamento com o Japão.”¹⁰, como consta nas informações do sítio da internet do Departamento de História do Governo dos Estados Unidos da América¹¹. Portanto, tratou-se de uma providência para preservar a homogeneidade racial nesse país.

No Brasil, a crise concernente à imigração aconteceu em 1934, conforme menciona Valdemar Carneiro Leão: “A partir de 1925, porém, com o amparo do Governo Japonês, a imigração ganhou regularidade, avolumou-se, passou a registrar números crescentes e acabou por deflagrar, em 1934, forte movimento de resistência interna no Brasil” (1989, p. 9). No período da Segunda Guerra Mundial, no Brasil, foram fechadas as associações culturais nipônicas, além dos jornais e escolas de língua japonesa. A corrente de imigração japonesa no Brasil foi retomada em 1953, segundo Kodama e Sakurai (in *Resistência & Integração: 100 anos de Imigração Japonesa no Brasil*, 2008).

Historicamente, as questões raciais se iniciaram em 1930, como mencionam Kodama e Sakurai (in *Resistência & Integração: 100 anos de Imigração Japonesa no Brasil*, 2008), em

⁸ Informação disponível no site da Central Intelligence Agency (CIA).

⁹ Disponível no sítio da internet da Embaixada do Brasil no Japão.

¹⁰ Trecho original publicado no sítio da internet: “Despite the increased tensions, it appeared that the U.S. Congress had decided that preserving the racial composition of the country was more important than promoting good ties with Japan.”

¹¹ Informações disponíveis no sítio da internet do Departamento de História do Governo dos Estados Unidos da América.

que começou a campanha anti-nipônica encabeçada pelo médico Miguel Couto. Devido às atitudes de preservação de identidade por parte dos japoneses, suscitaram desconfianças de inassimilação biológica, e, dessa forma, surgiria um movimento anti-imigração, pois alegavam “insolvência étnica e segurança nacional ameaçada, segundo eles pelas aspirações imperialistas japonesas” (KODAMA; SAKURAI, 2008, p. 23).

2 Breve histórico da Casa de Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo

O prédio da Casa de Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo está localizado na Avenida Professor Lineu Prestes, 159, Cidade Universitária. É composto por quatro pavimentos. No segundo andar, abriga o Centro de Estudos Japoneses - que é um Centro Complementar da área de Língua e Literatura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo - e a Biblioteca Teiti Suzuki¹² (1911-1996). No primeiro andar, estão a sala própria para a Cerimônia do Chá e a sala multimídia equipada pelo Governo do Japão. No térreo se localiza o auditório Professor Kensuke Tamai¹³, com capacidade para 131 pessoas. Além disso, no subsolo, está instalado o Centro Interdepartamental de Línguas, que também pertence à FFLCH. No local são ministrados cursos de extensão universitária de línguas estrangeiras, tais como: alemão, árabe, espanhol, esperanto, francês, grego, inglês, italiano, latim, português, suaíli e japonês, conforme informações disponíveis no sítio na internet do Centro Interdepartamental¹⁴.

A Casa de Cultura Japonesa foi inaugurada em 29 de julho de 1976. Nesta ocasião, o diretor do Centro de Estudos Japoneses da USP era o professor Teiiti Suzuki, que exerceu esta função de 1968 a 1981. Além dele, o Centro de Estudos teve nove pessoas na diretoria. Foram eles: Kensuke Tamai (1981-1987); Geny Wakisaka (1987-1991); Sakae Murakami Giroux (1991-1992); Tae Suzuki (1992-1994); Lídia Masumi Fukasawa (1994-1996); Tae Suzuki (1996 a 2003); Junko Ota (2003-2009); Koichi Mori (2009-2013) e Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro (desde 2013). Desde a sua criação até o ano de 2004, a administração da

¹² Professor Doutor Teiti Suzuki é o fundador do Centro de Estudos Japoneses da USP, que foi oficializado pelo decreto nº 50.863, de 18.11.1968, como uma entidade auxiliar ao curso de Língua e Literatura Japonesa da Seção de Estudos Orientais da FFLCH-USP. A Biblioteca pertence à FFLCH-USP.

¹³ Professor Kensuke Tamai exerceu o cargo de Diretor do Centro de Estudos Japoneses da USP entre os anos 1981 e 1987.

¹⁴ Disponível no sítio na internet do Centro Interdepartamental de Línguas da FFLCH-USP: <http://clinguas.fflch.usp.br/>. Acesso em: 17.01.2017

Casa de Cultura foi realizada pela Aliança Cultural Brasil-Japão e, após 2004, até a atualidade, é gerida pela Universidade de São Paulo.

Em 1971, o então reitor da USP, professor doutor Miguel Reale¹⁵, propôs a criação de espaços culturais de diversos países na universidade, dentre eles Alemanha, Itália, Portugal e Japão, conforme informações do jornal *A Gazeta*, de 20 de novembro de 1974 (anexo III). Em atendimento a essa proposta, a Aliança Cultural Brasil-Japão iniciou a construção da Casa de Cultura Japonesa em 1974, sendo o lançamento da pedra fundamental no dia 19 de novembro de 1974, segundo consta no jornal *O Estado de S. Paulo* de 20 de novembro de 1974 (anexo IV), sua inauguração aconteceu em 29 de julho de 1976, como já foi mencionado. Apesar de outros países terem mostrado interesse, a única Casa de Cultura que foi construída no campus da USP foi a japonesa.

Conforme informações encontradas na biografia do professor Teiiti Suzuki, publicada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, a construção da Casa de Cultura Japonesa contou com uma doação no valor de 513 mil dólares¹⁶ por parte do Governo do Japão, além da contribuição de outras entidades japonesas: como a *Nippon Keidanren* (Federação das Organizações Econômicas do Japão), no valor de 208 mil dólares, e da Organização Comemorativa da Exposição Mundial de 1970 (*Banpaku Kikin*), no valor de cerca de 85 mil dólares. O montante de doações recebidas de entidades e pessoas físicas e jurídicas brasileiras e japonesas somaram cerca de 510 mil dólares.

No tocante ao papel desempenhado pela Casa de Cultura, entende-se que seria o de promover e divulgar a cultura japonesa em nível superior, conforme previsto no Contrato de Comodato, e o de facilitar as práticas do público já cativo.

2.1 Mudanças administrativas

A Casa de Cultura foi mantida pela Aliança Cultural Brasil-Japão entre 1974 e 2004. Em novembro de 2004 sua administração passou para a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Para a sua construção, a Universidade cedeu parte do terreno e manteve um contrato de comodato com a Aliança

¹⁵ Professor Doutor Miguel Reale foi reitor da USP de 1969 a 1973 e, em sua gestão, implantou a reforma universitária, organizando os *campi* de São Paulo e mais cinco do interior do Estado. Informações sobre dados biográficos podem ser consultadas no sítio da internet de Miguel Reale.

¹⁶ Segundo arquivo do Centro de Estudos Japoneses da USP.

Cultural Brasil-Japão, assinado em 19 de novembro de 1974¹⁷, que consistia na concessão territorial por 30 anos, com direito a renovação.

Fundada em 17 de novembro de 1956, a Aliança Cultural Brasil-Japão é uma entidade sem fins lucrativos e tem como principal missão promover o intercâmbio e desenvolvimento cultural entre o Brasil e o Japão, por meio do oferecimento de cursos de língua e cultura japonesa¹⁸. Seu papel foi primordial na implantação e construção da Casa de Cultura, como é reconhecido pelas antigas diretoras do CEJAP, professoras Tae Suzuki¹⁹ e Junko Ota²⁰, e pela atual diretora, professora Madalena Cordaro. Além disso, foi responsável pela manutenção do prédio, por 30 anos, durante todo o período de vigência do contrato de comodato, conforme o testemunho da professora Tae Suzuki:

[...] assumiram um compromisso por 30 anos, eles cumpriram muito corretamente, cobriram tudo mesmo com dificuldades e eu sei que alguns diretores eram contra, mas aguentaram bravamente, e nesse sentido, só tenho a agradecer à Aliança. (informação verbal)²¹

Um dos nomes citados pela professora Tae Suzuki foi o do ex-deputado federal João Sussumu Hirata, então presidente da Aliança Cultural Brasil-Japão quando as obras para a construção da Casa de Cultura foram iniciadas. Segundo ela, a personalidade do ex-deputado e o nome da Aliança são essenciais no histórico da instituição, pois o apelo para a comunidade nipo-brasileira foi feito por eles. Pelo depoimento da professora Madalena Cordaro, o apoio por parte dessa comunidade foi importante para a concretização da criação da Casa de Cultura Japonesa.

Em novembro de 2003, de acordo com dados obtidos no arquivo do Centro de Estudos Japoneses, o então Reitor da USP, professor Adolpho José Melfi, manifestou a intenção da Universidade em não renovar o contrato de comodato com a Aliança Cultural Brasil-Japão. Então, em 18 de novembro de 2004, data do término do contrato, a Aliança devolveu à Universidade a posse e a administração da Casa de Cultura Japonesa. Desse modo, a FFLCH-USP assumiu a responsabilidade de mantê-la. Nesta ocasião, a USP comprometeu-se com a

¹⁷ Vide Anexo V.

¹⁸ Informações sobre a entidade, bem como os cursos oferecidos podem ser obtidas no sítio na internet.

¹⁹ Suzuki. **Tae Suzuki**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

²⁰ JUNKO, Ota. Junko Ota: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (52 min.).

²¹ TAE, Suzuki. **Tae Suzuki**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho.

manutenção do nome até então utilizado, bem como com a permanência do CEJAP (Centro de Estudos Japoneses) nas dependências do segundo andar. Em 1976, ano da inauguração da Casa de Cultura, o Centro de Estudos Japoneses ocupava o primeiro e o segundo andares do prédio.

Segundo testemunho da professora Madalena Cordaro²², atual diretora, a transferência da administração foi positiva, pois a USP passou a suprir as necessidades do prédio, tais como manutenção do sistema elétrico e vigilância diurna e noturna, o que resultou na diminuição da ocorrência de furtos nas dependências da Casa de Cultura Japonesa. Também alocou funcionários da USP, como, por exemplo, um bibliotecário, para a Biblioteca Teiti Suzuki, pois anteriormente a bibliotecária da Aliança Cultural Brasil-Japão prestava serviços somente algumas vezes por semana.

Após a transferência da administração, o prédio passou a abrigar o Centro Interdepartamental de Línguas, ocupando o subsolo.

3 O Centro de Estudos Japoneses da Universidade de São Paulo

O Centro de Estudos Japoneses da USP foi criado em 18 de novembro de 1968 pelo decreto nº 50.863, e as suas atividades foram efetivamente iniciadas no ano de 1969. Foi provisoriamente instalado à Rua Mário Amaral, nº 171, Paraíso. Em 1972 se transferiu para o Bloco A do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) e, em seguida, ocupou as salas 308 a 311 do Bloco B. Somente em 1976, o CEJAP-USP passou a ocupar as dependências do primeiro e segundo andares da Casa de Cultura Japonesa da USP. O diretor-fundador do Centro de Estudos Japoneses (CEJAP) foi o professor doutor Teiti Suzuki (1911–1996), que, inclusive, empenhou-se na concretização da construção da Casa de Cultura Japonesa. Foi o primeiro professor contratado pela Universidade de São Paulo, em 1967, para compor o corpo docente do Curso de Língua e Literatura Japonesa, iniciado em 1963.

O CEJAP-USP é, portanto, um centro complementar da área de Língua e Literatura Japonesa do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP. É constituído por um diretor, um vice-diretor e um conselho deliberativo, formado pelos membros associados, que são os docentes do Curso de Língua e Literatura Japonesa, de acordo com o Regimento Interno, consultado pela autora em 15 de fevereiro de 2017.

²²CORDARO, Madalena. **Madalena Cordaro**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no apêndice deste trabalho.

A finalidade do CEJAP-USP é a formação de pesquisadores e especialistas em estudos japoneses nas áreas das Letras, Ciências Sociais, Antropologia, História, Filosofia, Artes, Política, Economia. Para isso, desde a graduação, é ofertada aos alunos a Bolsa de Iniciação Científica “Província de Toyama”, pela qual o contemplado realiza uma pesquisa em uma das áreas, dentre língua, literatura ou cultura japonesa. A duração do programa é de um ano, e a seleção é feita anualmente pelo CEJAP.

Em 1996, o CEJAP iniciou seu curso de pós-graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa, conforme informação do sítio da internet do Departamento de Letras Orientais da FFLCH-USP. Os dados básicos desse programa podem ser encontrados na Plataforma Sucupira da CAPES e maiores informações no sítio da USP na internet.

Além de se dedicar à formação de pesquisadores, o CEJAP também desenvolve outras atividades, tais como: elaboração de material didático, publicação do periódico especializado em estudos japoneses, organização de eventos culturais, coordenação do curso de extensão universitária de *Ikebana* e Cerimônia do Chá, entre outros. Deve-se destacar que também realiza publicações de livros, dentre os quais os que seguem abaixo:

1. FUKASAWA, Lídia M.; GIROUX, S.M., SUZUKI, Tae; SUZUKI, Teiti, *Introdução à Gramática da Língua Japonesa Moderna*, (2ª ed., 2001: Revisão e ampliação de Luiza Nana Yoshida, Junko Ota, Lídia M. Fukasawa e Tae Suzuki), São Paulo, CEJAP-USP, 126 pp.
2. WAKISAKA, Geny (org.) Trad.vv.aa.; vv.trad., *Contos da Era Meiji*, São Paulo, CEJAP-USP, 1993, 152 pp.
3. *Contos Modernos Japoneses*, São Paulo, CEJAP-USP, 1994, 141 pp.
4. WAKISAKA, Geny (org.) vv.tradutores, *Contos de Kenzaburo Oe*, São Paulo, CEJAP-USP, 1995, 236 pp.
5. *Contos da Chuva e da Lua*, São Paulo, CEJAP-USP, 1996, 148 pp.

O CEJAP é uma das referências nas Américas Central e do Sul em estudos japoneses, pois é um dos poucos institutos especializados somente nos assuntos pertinentes ao Japão²³.

²³ Segundo pesquisa realizada pela autora deste artigo, na América Latina, além do CEJAP-USP, existe a Cátedra de Estudios Japoneses em Cuba.

As informações sobre a vida do professor Teiiti Suzuki (1911-1996), fundador do CEJAP, estão baseadas na biografia póstuma publicada pelo Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, em ocasião das comemorações do centenário da imigração japonesa, escrita em japonês, no ano de 2007, conforme consta nas referências bibliográficas.

Nasceu na cidade de *Nishinomiya*, província de *Hyogo*, Japão, em 6 de setembro de 1911. Partiu sozinho do Japão rumo ao Brasil, em agosto de 1928, retornando ao seu país de origem em julho do ano seguinte, para buscar a família e emigrarem juntos ao Brasil. Em 16 de janeiro de 1930, a família Suzuki, composta por seis membros, embarcou ao Brasil no navio *Monte Video Maru*. O destino da família Suzuki foi a colônia japonesa da Aliança, no município de Mirandópolis, interior paulista, para residir e trabalhar em uma fazenda cafeeicultora. Aos 23 anos, em 1934, mesmo ano da fundação da Universidade de São Paulo, ingressou na Faculdade de Direito do Largo São Francisco e, concomitantemente, cursou Sociologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP. Nessa época, recebeu instruções de professores visitantes franceses, tais como Levi-Strauss e Roger Bastide. Formou-se em 1938 e, com o diploma de direito em mãos, foi atuar na área jurídica do Banco Tozan. O ano de 1958 foi o do cinquentenário da imigração do Japão, e o professor Teiiti Suzuki organizou o recenseamento da comunidade japonesa no Brasil.

Conforme mencionado, o curso de graduação em Letras com habilitação em Japonês foi criado em 1963, juntamente com o Departamento de Letras Orientais, por meio da proposição do então diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, doutor Eurípedes Simões de Paula, que era amigo do professor Teiiti Suzuki. Em 1967, tornou-se o primeiro professor contratado deste curso e, no ano seguinte, fundou o CEJAP, sendo o diretor do mesmo.

Segundo testemunho das professoras Madalena Cordaro e Tae Suzuki, ele contribuiu ativamente para a concretização da Casa de Cultura Japonesa, principalmente na arrecadação de fundos. “Ele não era um japonólogo, mas amava a cultura japonesa... Ele era um idealista, por um ideal, ele se matava” (informação verbal)²⁴.

3.1 A Cidadania Cultural por meio das atividades oferecidas

A Casa de Cultura Japonesa da USP é, portanto, administrada publicamente pela Universidade de São Paulo e está aberta ao público em geral, oferecendo uma série de

²⁴ Suzuki. **Tae Suzuki**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

serviços à comunidade. Desse modo, acaba por exercer uma cidadania cultural ativa, em que “[...] a cultura [é vista] como direito dos cidadãos, sem confundi-los com as figuras do consumidor e do contribuinte” (CHAUÍ, 1992, p. 69). A Casa de Cultura, portanto, estimula o direito à cultura, dialogando diretamente com as diretrizes estabelecidas pela Secretaria Municipal da Cultura de São Paulo, conforme observa-se a seguir:

Por direito à cultura, esta Secretaria entenderá:

- o direito de produzir cultura, seja pela apropriação dos meios culturais existentes, seja pela invenção de novos significados culturais;
- o direito de participar das decisões quanto ao fazer cultural;
- o direito de usufruir dos bens da cultura, criando locais e condições e acesso aos bens culturais para a população;
- o direito de estar informado sobre os serviços culturais e sobre a possibilidade de deles participar ou usufruir;
- o direito à formação cultural e artística pública e gratuidade nas Escolas e Oficinas de Cultura do município;
- o direito à experimentação e à invenção do novo nas artes e nas humanidades;
- o direito a espaços para reflexão, debate e crítica;
- o direito à informação e à comunicação (CHAUÍ, 1992, p. 70 e 71)

Deve-se ressaltar que algumas diretrizes ainda não são cumpridas pelo CEJAP, tais como o “direito de participar das decisões quanto ao fazer cultural” e o “direito de produzir cultura”, pois as atuais políticas de administração não permitem estas ações.

Os direitos culturais têm matriz no artigo 28 da Declaração Universal dos Direitos Humanos²⁵:

1. Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios.
2. Todo ser humano tem direito à proteção dos interesses morais e materiais decorrentes de qualquer produção científica, literária ou artística da qual seja autor. (UNESCO, 1948)

Portanto, ao oferecer cursos, palestras e acesso à informação, através da biblioteca, a Casa de Cultura Japonesa confere este direito à comunidade de nível superior e ao público em geral que se identifica com a cultura japonesa ou por ela se interessa. Além disso, também garante a dignidade, já que todo direito deve convergir, em última instância, na preservação da dignidade humana, como explica Varella, ex-chefe de gabinete da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo:

Os direitos culturais permitem o respeito à dignidade mais profunda, a partir do reconhecimento da identidade do indivíduo e do aproveitamento de todas as suas

²⁵ Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948.

capacidades. Dessa forma, tais direitos funcionam como ferramenta para que o indivíduo reconheça essas capacidades que possui, em consonância com as capacidades externas do ambiente, potencializando a apropriação de recursos que vão lhe possibilitar o exercício dos demais direitos. (VARELLA, 2014, p. 50)

Segundo consulta realizada no sítio do CEJAP na internet, o curso da Cerimônia do Chá é oferecido gratuitamente, devendo o aluno pagar apenas a taxa de matrícula, na qual está incluso o valor do material a ser utilizado. Já as aulas de *Ikebana* são gratuitas para docentes e funcionários da FFLCH, oferecem desconto ao público de terceira idade e são pagas no caso de interessados em geral. As vagas disponíveis são de no máximo 30 alunos para cada curso, e a carga horária total é de 58 horas.

Além dos cursos de extensão universitária de *Ikebana* e Cerimônia do Chá, são oferecidos cursos esporádicos e de curta duração, como, por exemplo, a Oficina de Mangá, que acontece no primeiro semestre de 2017 e é gratuita. As informações podem ser acessadas no sítio da internet da FFLCH-USP. Segundo a professora Junko Ota, coordenadora dos cursos de extensão universitária, houve uma grande procura por esta oficina, inclusive pelo público juvenil. O curso será ministrado por uma ex-aluna que se tornou mestre no programa de Língua, Literatura e Cultura Japonesa, juntamente com outros dois colegas que também se formaram neste mesmo programa.

A Biblioteca Teiti Suzuki possui um acervo de 52.692 títulos²⁶. Está aberta não somente à comunidade da USP, mas também ao público todo, sendo o acesso ao catálogo possível pela internet, por meio do sítio do próprio CEJAP ou o da Biblioteca Florestan Fernandes. Conforme relato da professora Madalena Cordaro, atual diretora do CEJAP, é uma referência na América Latina por ser especializada em estudos japoneses, pois não há um curso de graduação em Letras com habilitação em japonês nos países desta região. Por conseguinte, não há um público que necessite desta bibliografia especializada, justificando a ausência de bibliotecas sobre estudos japoneses na América Latina.

O CEJAP é responsável pela revista Estudos Japoneses²⁷, que foi criada em 1979 com o objetivo de apresentar artigos sobre temas pertinentes à língua, à literatura e à cultura japonesas. Trata-se de um veículo de divulgação da área de japonês com publicação anual. Os artigos são apresentados nos seguintes idiomas: português, inglês, francês, espanhol e japonês. A última edição é do ano de 2016 e está disponível em formato PDF, no sítio da

²⁶ Disponível no sítio da internet do Centro de Estudos Japoneses da USP.

²⁷ Informações disponíveis no sítio do Centro de Estudos Japoneses da USP na internet.

internet da Universidade de São Paulo, ou seja, está acessível a todos que tiverem interesse, e, desse modo, assegura-se o direito à informação. Os exemplares antigos, segundo informação encontrada no sítio da internet, encontram-se na Biblioteca Teiti Suzuki.

Ao disponibilizar a revista Estudos Japoneses no sítio da internet, cria-se a oportunidade de acesso à informação e interação com seu conteúdo. Dessa forma, promove-se o direito à informação, pois: “O direito ao acesso é, portanto, um imperativo para o exercício de todos os demais direitos culturais” (VARELLA, 2014, p. 73).

Além disso, a Casa de Cultura Japonesa inclui em sua programação a realização de palestras e simpósios. No ano de 2016, por exemplo, houve o Ciclo de Palestras do PPG – Língua, Literatura e Cultura Japonesa: Discutindo as Pesquisas sobre o Japão na USP²⁸, na sala multimídia, entre os meses de abril e junho, sendo a participação gratuita, com direito a certificado. Em 2015 o local sediou o Simpósio Internacional de Língua Japonesa como Língua Global - EJHIB e o III Encontro de Pós-Graduandos em Estudos Japoneses²⁹, que recebeu diversos professores de universidades japonesas. Este evento tinha capacidade para até 200 participantes.

4 Dados históricos segundo os relatos coletados

Para a complementação das informações e dados não encontrados em fontes escritas, recorreu-se, neste trabalho, à história oral, e a metodologia utilizada foi a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, realizadas em fevereiro de 2017, na Casa de Cultura Japonesa.

O questionário foi composto por cinco perguntas, exceto para uma das entrevistadas, a professora Tae Suzuki, que respondeu a sete perguntas e falou sobre a criação da Casa de Cultura Japonesa, bem como sobre a atuação do CEJAP. Devido à professora Tae ser filha do fundador do Centro e por ter acompanhado a criação da Casa de Cultura, foram feitos questionamentos mais específicos sobre esse período. Já as professoras Junko e Madalena foram alunas na USP no período posterior à criação, por isso estas questões não foram direcionadas a elas, exceto a primeira questão que aborda tal período. A última questão foi diferenciada para cada entrevistada, de acordo com a sua função atual no CEJAP e relação de

²⁸ Informações sobre os palestrantes bem como a programação do evento estão disponíveis no sítio da internet .

²⁹ Informações sobre o evento tais como a programação, palestrantes e inscrições estão disponíveis no sítio da internet do próprio Simpósio.

parentesco, como no caso da professora Tae Suzuki, filha do primeiro professor do curso de graduação em Letras com habilitação em japonês e fundador do CEJAP.

Foram entrevistadas três pessoas: a atual diretora do CEJAP e as antigas diretoras. São elas:

- Junko Ota, atual coordenadora dos Cursos de Extensão Universitária oferecidos pelo CEJAP e professora doutora de Língua e Literatura Japonesa da FFLCH-USP; fez graduação em Letras (Japonês e Português) pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado em Letras/Japonês pela Osaka University (1987), doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1996) e pós-doutorado pela International Research Center for Japanese Studies, Nichibunken, Japão. Foi diretora do CEJAP (2004 e 2009). Concedeu entrevista ao vivo, no dia 15 de fevereiro de 2017, na Casa de Cultura Japonesa, e o conteúdo foi gravado e transcrito.
- Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro, atual diretora do CEJAP e professora associada, FFLCH-USP; fez graduação em Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes pela Universidade de São Paulo (1982), graduação em Língua e Literatura Portuguesa e Espanhola pela Universidade de São Paulo (1984), graduação em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de São Paulo (1988), mestrado em Arts - Printmaking, pela Washington University (1994), doutorado em Filosofia (Estética) pela Universidade de São Paulo (1999) e livre-docência em Literatura e Arte Japonesa (2011). Foi vice-presidente da Associação Brasileira de Estudos Japoneses (2004-2008). Concedeu entrevista ao vivo, no dia 17 de fevereiro de 2017, na Casa de Cultura Japonesa, e o conteúdo foi gravado e transcrito.
- Tae Suzuki, professora adjunta na UNB; fez graduação em Língua e Literatura Japonesa pela Universidade de São Paulo (1968), mestrado em Letras Japonesas pela Universidade Feminina *Ochanomizu* (1972), doutorado em Linguística pela Universidade de São Paulo (1985) e pós-doutorado pela Universidade Kanagawa (1996). Foi diretora do CEJAP (1992-1994), (1996-1999) e (2000-2003). Foi diretora do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH-USP (1999-2003). Foi *maître de langue*, do Departamento de Japonês da Universidade Marc Bloch (2005-2007). Concedeu entrevista ao vivo, no dia 16 de fevereiro de 2017, na Casa de Cultura Japonesa, e o conteúdo foi gravado e transcrito.

As questões e os comentários das respostas seguem abaixo.

Primeira questão: saberia informar por que Portugal, Itália e Alemanha não atenderam a proposta de criar uma Casa de Cultura? Nenhuma das entrevistadas soube responder sobre motivos concretos, mas fizeram suposições: para a professora Tae, foi pura questão financeira, pois a USP não disponibilizou verba para a construção, ficando a cargo de cada país a arrecadação dos recursos. Já as professoras Junko e Madalena supõem que os outros países não tiveram a união com o governo e a comunidade local, como no caso do Japão, que contou com o apoio destas duas esferas. A comunidade nipo-brasileira foi mobilizada pelo professor Teiiti Suzuki e pelo ex-deputado federal João Sussumu Hirata, que inclusive agilizou os trâmites junto ao Consulado Geral do Japão, segundo a professora Madalena:

E aos japoneses, sei lá, coube-nos uma época de muito esforço e união e conseguimos fazer. Eu ouço falar que, a figura do professor Teiti Suzuki e suas artimanhas políticas foram muito importantes na execução e na união da Universidade com a colônia japonesa e o Governo Japonês, é um elo dessas três coisas, porque não basta a Universidade querer fazer se não tem a verba e tendo a vontade e a verba, não tendo o apoio da comunidade, também fica difícil. Então o único que conseguiu fazer isso foi a área de japonês, [...] ³⁰

Segunda questão: o papel da Aliança Cultural Brasil-Japão foi primordial para a construção da Casa de Cultura. Além disto, as doações (para o orçamento) por parte do Governo Japonês, *Nippon Keidanren* e outras instituições japonesas foram importantes para a concretização da obra? Todas foram unânimes na resposta positiva, acreditando que a atuação da Aliança Cultural Brasil-Japão foi primordial. A professora Junko tinha em mãos, no dia da entrevista, um panfleto distribuído pela Aliança Cultural Brasil-Japão, no qual o objetivo era informar sobre a obra de construção da Casa de Cultura, bem como fazer um apelo para doação. Ela explicou que o valor que se esperava arrecadar do Governo do Japão era superior ao da colônia japonesa:

Aqui nesse panfleto, eles estão propondo que da parte do Governo Japonês terá um montante X e da parte da colônia japonesa um montante Y e o montante X do Governo Japonês, somando *Nippon Keidanren*, aquela Fundação da Expo 70 e outras empresas japonesas, essa soma era três vezes mais com relação ao valor que pensavam arrecadar junto à colônia japonesa. ³¹

³⁰ Cordaro. **Madalena Natsuko H. Cordaro**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

³¹ Ota. **Junko Ota**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (52 min.).

Terceira questão: o CEJAP tem posição de destaque na América Central e do Sul no que se refere aos estudos japoneses. Mas considera que tem alcançado os seus objetivos? Se não, quais são os impedimentos? Todas as entrevistadas responderam que tem caminhado para cumpri-los, mas, segundo a professora Madalena, “há 20 anos os objetivos estavam mais, digamos, simples, e à medida que foram alcançados tornaram-se mais complexos [...]”. A professora Tae acredita que a direção tomada pelo professor Teiiti Suzuki, no início das atividades do CEJAP, foi importante, pois ele estabeleceu três pilares:

Eu acho que nesse ponto o Suzukão foi muito feliz, porque ele trabalhou com duas frentes: uma que era de chamar professores visitantes. Então eles viam e ficavam. Então, no início, eram dois professores por ano que ficavam cada um, dois anos. Então, às vezes eles intercalavam, às vezes coincidiam, mas depois intercalavam, mas a gente sempre tinha dois professores visitantes. Aliás, eu acho que foram três pilares: o outro pilar foi de enviar alunos daqui para se aperfeiçoarem no Japão e o terceiro que eu acho muito importante também foi a montagem desta biblioteca³².

Os membros do Centro participavam de projetos acadêmicos em conjunto segundo a Prof. Junko e hoje, cada um se dedica à sua área: Linguística, Literatura ou Cultura Japonesa. Também apontou para a necessidade de atender demandas que anteriormente não existiam, por conta do controle que a CAPES exerce sobre os cursos de pós-graduação:

Mas ao fazer parte do programa de pós, nós ficamos abaixo da CAPES avaliando, controlando, então tem certas demandas a qual temos que responder e nós temos que fazer de uma forma, coisas que antes não tinham. São coisas, que eu acho que, há mudanças que ocorrem, por causa da mudança de tempo mesmo, diferentes tempos com diferentes demandas e às vezes nós temos que usar muita energia para responder a esse tipo de demanda.³³

Todos os docentes do Centro de Estudos Japoneses fazem parte da graduação e da pós-graduação e, concomitantemente, desempenham funções burocráticas no Centro e também no Departamento de Letras Orientais, o que acarreta na sobrecarga de atividades nas mesmas pessoas. A USP tem se ausentado no que se refere à reposição de docentes ao curso de japonês, como também tem congelado a contratação de novos funcionários, devido à crise que

³² Suzuki. **Tae Suzuki**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

³³ Ota. **Junko Ota**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (52 min.).

vem enfrentando, segundo informação da versão on-line do jornal a *Folha de S. Paulo*, de 21 de fevereiro de 2017³⁴.

Quarta questão: a transferência da administração para a FFLCH foi positiva? Todas as entrevistadas declararam que foi positiva a alternância. Atualmente a Universidade disponibiliza os serviços de manutenção predial e de segurança e, desse modo, já não é necessário solicitar verba externa. Ao acolher o Departamento Interdepartamental de Línguas, o prédio ganhou vitalidade, pois o número de pessoas que o acessam cresceu com isso. O problema apontado por uma das entrevistadas é a não execução das solicitações do Centro, tais como manutenção externa. A resposta é positiva, porém a verba não é disponibilizada, estando-se neste impasse há três anos. Novamente, nota-se a ausência por parte da Universidade ao não realizar as providências necessárias, uma vez que nem o CEJAP nem a Casa de Cultura Japonesa possuem verba própria. Por isso, a direção do Centro, para cada necessidade, deve realizar a solicitação à Universidade e fica a depender da disponibilidade de verba.

Na quarta pergunta, a professora Madalena testemunhou que a transição da gestão para a USP foi “muito complexa”, pois a Casa de Cultura poderia ter sido transferida para qualquer unidade da Universidade, mas isto não aconteceu devido à atuação do então diretor da Faculdade de Filosofia, Letras Ciências Humanas, professor Sedi Hirano³⁵ e do professor da Escola Politécnica da USP, Kokei Uehara³⁶.

Então professor Sedi Hirano e o professor Kokei Uehara nos ajudaram imensamente. O professor Kokei, porque tinha muito trânsito na Reitoria, era professor titular da Poli, já aposentado com uma carreira bastante emérita, então ele foi um anjo da guarda, nos ajudou muito, inclusive falando com as Reitorias. E o professor Sedi ajudou imensamente na transferência dos papéis também que são julgados ou decididos nas instâncias superiores.³⁷

³⁴ Matéria sobre a crise na Universidade de São Paulo disponível no sítio da UOL na internet: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-03/usp-apresenta-proposta-de-austeridade-para-conter-crise-financeira>. Acesso em 16 de abril de 2017

³⁵ Sedi Hirano: professor emérito da Universidade de São Paulo (2010); foi diretor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (2002-2005) e Pró-reitor de Cultura e Extensão (2005-2007) da Universidade de São Paulo.

³⁶ Kokei Uehara: professor emérito da Universidade de São Paulo. Possui graduação em engenharia civil pela Universidade de São Paulo (1953); foi diretor da Fundação para o Desenvolvimento de Tecnologia de Engenharia, ligada à Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1990).

³⁷ Cordaro. **Madalena Natsuko H. Cordaro**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

Conforme mencionado anteriormente, a última questão foi diferenciada para cada entrevistada e abordou assuntos específicos de acordo com a atual função e também segundo a sua experiência.

À professora Junko Ota, que é a atual coordenadora dos cursos de extensão universitária oferecidos pelo CEJAP, foi questionado quanto à possibilidade de uma ampliação da variedade de cursos a serem oferecidos e de público. Segundo seu testemunho, há o desejo de se ampliar, porém, o fato de estar sobrecarregada dificulta a realização desse ideal, pois, além de coordenadora dos cursos de extensão, também é docente da graduação e da pós-graduação. Devido à falta de verba própria, o CEJAP não tem condições de oferecer pagamento para as professoras que ministram o curso de *Ikebana*, mas, apesar disso, o curso é oferecido anualmente.

Para a atual diretora do CEJAP, professora Madalena, questionou-se sobre os desafios enfrentados e acerca das necessidades da instituição. Além da ausência de verba institucional própria, apontou para a necessidade de obter verba para projetos acadêmicos que, atualmente, está prejudicada. Porém, pela atual situação financeira enfrentada pela Universidade, em que cortes em investimentos e revisão de contratos têm sido feitos³⁸, a obtenção de verba para este momento seria pouco provável.

Quanto à descontinuidade administrativa, conclui-se que a mesma não houve ou não é relevante. Apesar da ausência por parte da USP no ato da inauguração da Casa de Cultura Japonesa, a Aliança Cultural Brasil-Japão manteve-se fielmente ao compromisso de gerir a Casa até o término do contrato de comodato, em 2004, conforme os relatos das entrevistadas. Também não houve descontinuidades com relação às atividades do CEJAP, que, por exemplo, tem mantido e ampliado tais atividades, pois a professora Madalena testemunha que os objetivos têm sido alcançados:

“Basta ver nossa revista *Estudos Japoneses*, o primeiro volume tinha 30 páginas e hoje nós já fazemos volumes maiores, já teve volume com mais de 300 páginas. Então a ambição dos nossos objetivos vai aumentando conforme a realização deles.”³⁹

³⁸ Informação da EBC Agência Brasil, matéria sobre a proposta de austeridade apresentada pela USP. Disponível no sítio da Agência na internet.

³⁹ Cordaro. **Madalena Natsuko H. Cordaro**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

Um problema a ser apontado, portanto, seria a triste tradição da ausência, relacionada à administração, pela USP. A Casa de Cultura estava integrada à USP desde a sua inauguração e, por este fato, a Universidade não poderia se ausentar, como o fez, durante o período do contrato de comodato com a Aliança Cultural Brasil-Japão.

Para a professora Tae Suzuki, as últimas perguntas se referiam ao período de criação da Casa de Cultura Japonesa e do Centro de Estudos Japoneses da USP. Ao ser questionada sobre o papel do professor Teiiti Suzuki na arrecadação dos fundos para a construção da Casa de Cultura, respondeu que a sua atuação foi primordial e destacou também a conduta da Aliança Cultural Brasil-Japão, como a principal responsável pela construção da Casa. Segundo seu testemunho, a Casa de Cultura Japonesa foi construída para abrigar o CEJAP, e, por esta razão, no momento da transferência da administração para a USP, a diretoria solicitou que se mantivesse no segundo andar da construção:

Então, foi para acolher, sem dúvida. Por isso, é que quando a gente entregou para a USP, à Faculdade de Filosofia, falamos: “nós queremos tais, tais e tais espaços, disso nós não abrimos mão”⁴⁰.

5 Considerações finais

Por meio dos testemunhos das professoras entrevistadas, constata-se que a construção da Casa de Cultura Japonesa foi fruto dos esforços conjuntos da Aliança Cultural Brasil-Japão, do CEJAP-USP, do Governo do Japão, das Associações japonesas e da comunidade nipo-brasileira, com a USP concedendo o espaço. Deve-se salientar que a ideia inicial procedeu por parte da Universidade, pois sem a proposta do então reitor Reale, não seria possível a criação da Casa de Cultura. Constituiu-se num ato isolado, mas posteriormente foi um trabalho colaborativo entre uma autarquia do Governo do Estado com as instituições privadas e do Governo do Japão o que caracterizou uma iniciativa democrática e bem-sucedida, resultado desta união de forças, mas há personalidades marcantes neste histórico. Conforme testemunho da professora Tae Suzuki, o ex-deputado federal e então presidente da Aliança, João Sussumu Hirata, apostou imensamente na criação da Casa de Cultura. Já o professor Teiiti Suzuki se empenhou na arrecadação de fundos para a construção, valendo-se da sua habilidade política, segundo a professora Madalena Cordaro.

⁴⁰ Suzuki. **Tae Suzuki**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.).

Havia o interesse por parte do Centro de Estudos Japoneses pela construção da Casa de Cultura, o que os impulsionou a obter verba para a construção. Além disto, a Aliança Cultural Brasil-Japão se encarregou de dialogar com as empresas privadas japonesas para a obtenção de doações para a construção. Portanto, a questão econômica foi um fator importante que possibilitou a sua concretização, pois era um projeto de grande demanda financeira. Vale mencionar a importância da USP ao abrir a convocatória para a criação de uma Casa de Cultura Japonesa a fim de promover a cultura japonesa à comunidade da Universidade e também ao público em geral.

A localização na cidade de São Paulo é um dos fatores que favoreceram a criação e o desenvolvimento das atividades da Casa de Cultura Japonesa e do Centro de Estudos Japoneses, pois há uma grande concentração de imigrantes e descendentes no Estado de São Paulo, conforme demonstrado pelo censo do IBGE. Se durante a Segunda Guerra Mundial houve perseguição e cerceamento aos direitos dos japoneses e de sua cultura no Brasil, como, por exemplo, o fechamento das associações culturais japonesas, jornais e escolas de língua japonesa no Brasil, observa-se que, com a construção e manutenção da Casa de Cultura e do CEJAP, estas duas instituições avançaram em sentido contrário e hoje ainda se mantêm atuantes.

Retomando a problemática institucional administrativa do CEJAP, ao analisar as entrevistas realizadas e a situação do quadro de docentes, nota-se que há falhas na política institucional. As atividades disponibilizadas pelo CEJAP, tais como os cursos de extensão universitária, poderiam ser ampliadas a um público maior, bem como serem mais diversas. A existência de mais recursos humanos – por exemplo, a contratação de mais professores para a área de japonês – e uma verba própria para o CEJAP, enquanto instituição, poderiam solucionar este impasse. Mas, como mencionado, a USP enfrenta uma crise financeira, desde 2014, e congelou a contratação de novos funcionários, o que tem prejudicado muitos outros departamentos além da área de japonês.

As políticas públicas adotadas no estado de São Paulo e, por conseguinte, para a Casa de Cultura Japonesa e o CEJAP, são contrárias àquelas apontadas por Rubim como ideais – papel ativo do Governo do Estado que não se omite - devido a sua ausência no que se refere a responder e executar as solicitações, como por exemplo reparos externos do prédio, contratação de novos professores e a destinar uma verba própria para possibilitar também a ampliação das atividades oferecidas pelo CEJAP, tal como o atendimento de um público

maior, por meio dos cursos de extensão universitária. Desde os tempos em que a administração estava nas mãos da Aliança Cultural Brasil-Japão, a USP se ausentou em suprir as necessidades da Casa de Cultura Japonesa, pois, por ser uma unidade pertencente à própria Universidade, não haveria motivos para que a própria não alocasse funcionários, como bibliotecários para a Biblioteca Teiti Suzuki.

Um problema apontado pela professora Madalena Cordaro, em entrevista concedida à autora, seria a falta de pessoal funcional e técnico para a instituição, como, por exemplo, funcionários letrados em japonês e técnicos para a área de tecnologia e informática. Como Rubim (2013, p. 231) menciona, o corpo funcional é um dos impedimentos para o bom funcionamento institucional e, a falta de políticas de atualização e qualificação é uma questão presente em praticamente todas as políticas culturais dos governos nacionais. Havendo a execução de tais políticas, isto possibilitaria um funcionamento efetivo enquanto instituição e do ponto de vista administrativo, um melhor planejamento de suas ações.

A existência de uma Casa de Cultura Japonesa em uma Universidade pública possibilitou a garantia dos direitos culturais ao público de nível superior, à comunidade da própria Universidade e em geral. Porém, as ações culturais poderiam ser ampliadas a um público maior por se tratar de ações oferecidas por uma instituição pública. Infelizmente sempre se depara com o problema da falta de verba e de recursos humanos, mas ao contorná-los, há perspectivas do desenvolvimento institucional para a continuidade da promoção da cultura japonesa a um público mais abrangente e deste modo, proporcionar também o aproveitamento das capacidades humanas individuais.

Referências

ALIANÇA Cultural Brasil-Japão. Disponível em: <<http://www.acbj.com.br/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

ARAI, Jhony; HIRASAKI, Cesar. **100 anos da imigração japonesa no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Bunkyo – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, 2008.

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 15(2), 2001.

BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAPES, Plataforma Sucupira. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/viewPrograma.jsf?p_opup=true&cd_programa=33002010175P4>. Acesso em: 02 mar. 2017.

CENTRAL Intelligency Agency. Disponível em: <<https://www.cia.gov/index.html>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CENTRO Interdepartamental de Línguas da FFLCH-USP. Disponível em: <<http://clinguas.fflch.usp.br/>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

CENTRO de Estudos Japoneses da USP. Apresentação do programa de pós-graduação em japonês. Disponível em: <<http://letrasorientais.fflch.usp.br/japones/159>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

CENTRO de Investigaciones y Proyectos Especiales. Disponível em: <<http://investigacion.uexternado.edu.co/UEC/proyectosInv/ver/?linea=106&modo=uec>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural em ação**. São Paulo: Brasiliense, 1992.

CICLO de Palestras PPG, sítio do Departamento de Letras Orientais. Disponível em: <<http://letrasorientais.fflch.usp.br/node/525>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

CONSULADO Geral do Japão em São Paulo. Disponível em: <<http://www.sp.br.emb-japan.go.jp/pt/comunidade/historico.htm>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

CORDARO, Madalena. **Madalena Cordaro**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (24 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice deste trabalho.

CRISE na USP. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/02/1860558-em-crise-usp-quer-impor-teto-de-gasto-com-salario-de-funcionario.shtml>>. Acesso em: 16 de abril de 2017.

CRISE na USP: matéria sobre a proposta de austeridade apresentada pela Universidade. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-03/usp-apresenta-proposta-de-austeridade-para-conter-crise-financeira>>. Acesso em: 16 de abril de 2017.

DEPARTAMENTO de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais da USP. Disponível em: <<http://letrasorientais.fflch.usp.br/japones/160>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

EMBAIXADA do Japão. Disponível em: <http://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_pt/relacoes_bilaterais.html>. Acesso em: 17 jan. 2017.

FACULDADE de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Curso de Cerimônia do Chá. Disponível em: <<http://sce.fflch.usp.br/node/2316>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FACULDADE de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Curso de *Ikebana*. Disponível em: <<http://sce.fflch.usp.br/node/2315>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FACULDADE de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Curso de Letras com habilitação em japonês. Disponível em: <<http://letrasorientais.fflch.usp.br/japones/270>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FACULDADE de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Oficina de *Mangá*. Disponível em: <<http://sce.fflch.usp.br/node/2303>>. Acesso em: 16 jan. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente história oral. In: **Topoi**, Rio de Janeiro, p. 314 – 332, dez. 2002.

JUNKO, Ota. **Junko Ota**: entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo, 1 arquivo mp3 (52 min.).

LEÃO, Valdemar Carneiro. **A crise da imigração japonesa no Brasil (1930 – 1934): contornos diplomáticos**. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão. Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 1989.

MIGUEL Reale (site oficial). Disponível em: <<http://www.miguelreale.com.br/>>. Acesso em: 15 de nov. 2016.

NINOMIYA, Masato. Centenário do tratado de amizade, comércio e navegação entre Brasil e Japão. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 28, p. 245-250, dez/ fev. 1995/1996.

PUBLICAÇÃO comemorativa da Aliança Cultural Brasil-Japão: Aliança Cultural Brasil-Japão, 25 anos de Grandes Realizações. Disponível em: <<http://www.acbj.com.br/index.php?lang=pt>>. Acesso em: 1 jan. 2017.

RESISTÊNCIA & Integração: 100 anos de Imigração Japonesa no Brasil. IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

REVISTA ESTUDOS JAPONESES. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ej>>. Acesso em 21 de fev. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais do Governo Lula. In: **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, vol. 1, n.1, p. 224 - 242, 2013.

SAKURAI, Célia. Primeiros povos da imigração japonesa no Brasil. In: **Revista USP**, São Paulo, n. 27, 1995.

SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LÍNGUA JAPONESA COMO LÍNGUA GLOBAL – EJHIB; ENCONTRO DE PÓS-GRADUANDOS EM ESTUDOS JAPONESES, 3., 2015. São Paulo. *Anais...* São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://ejhib2015.com/br/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

SUZUKI, Masatake. **Biografia de um gênio que viveu na sociedade nipo-brasileira.** (tradução nossa) São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 2007.

TAE, Suzuki. **Tae Suzuki:** entrevista [fev. 2017]. Entrevistadora: R. E. Shiino. São Paulo 1 arquivo mp3 (24 min.).

THE IMMIGRATION Act of 1924. Departamento de História do Governo Americano. Disponível em: <<https://history.state.gov/milestones/1921-1936/immigration-act>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

UNIVERSIDADE de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Japonesa. Disponível em: <<http://sites.usp.br/ppgllcj/apresentacao-2/>>. Acesso em: 1 mar. 2017.

VARELLA, Guilherme. **Plano Nacional de Cultura:** Direitos e Políticas Culturais no Brasil. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2014.

ANEXOS

Anexo I

Decreto nº 40.764 de 18 de setembro de 1963

DIÁRIO OFICIAL
Estado de São Paulo (Estados Unidos do Brasil)

ANO LXXII — N.º 210 — QUARTA-FEIRA, 19 DE SETEMBRO DE 1962

DECRETO N. 40.763, DE 18 DE SETEMBRO DE 1962

Dispõe sobre a aplicação do RTI à função que especifica
e dá outras providências

JOAQUIM DE SYLOS CINTRA, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, EM EXERCÍCIO DO CARGO DE GOVERNADOR, usando de suas atribuições e tendo em vista o parecer favorável n. 296-62, da C. P. R. T. I.,

Decreta:

Artigo 1.º — O regime de tempo integral (RTI) a que se refere a Lei n. 4.447, de 24 de dezembro de 1957, passa a aplicar-se à função de Biologista, referência «53», extranumerário mensalista, pertencente ao Departamento de Zoologia, da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, a que se refere o processo SA-503.631-62.

Artigo 2.º — As despesas com a execução deste Decreto correrão pelas verbas próprias do orçamento vigente.

Artigo 3.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação

Artigo 4.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, aos 18 de setembro de 1962.

JOAQUIM DE SYLOS CINTRA — Presidente do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no exercício do cargo de Governador.

Urbano de Andrade Junqueira

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 18 de setembro de 1962.

Fioravante Zampol — Diretor Geral

DECRETO N. 40.764, DE 18 DE SETEMBRO DE 1962

Dispõe sobre a criação da Seção de Estudos Orientais
na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade
de São Paulo

JOAQUIM DE SYLOS CINTRA, PRESIDENTE DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA, EM EXERCÍCIO DO CARGO DE GOVERNADOR, usando de suas atribuições legais e tendo em vista o deliberado pelo Conselho Universitário da Universidade de São Paulo em sessão de 19 de fevereiro de 1962,

Decreta:

Artigo 1.º — Fica criada, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, a Seção de Estudos Orientais.

Artigo 2.º — A Seção ora criada compreenderá sete (7) cursos distintos, a saber:

- a) russo
- b) hebraico
- c) árabe
- d) armênio
- e) japonês
- f) sânscrito
- g) chinês

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

e) Japonês:

1.ª série

Língua Japonesa

Língua Portuguesa

História do Extremo Oriente

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

2.ª série

Língua Japonesa

Literatura Japonesa

História do povo e da cultura japonesa

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

3.ª série

Língua Japonesa

Literatura Japonesa

Teoria Geral da Literatura

Linguística Geral

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

f) Sânscrito:

1.ª Série

Língua Sânscrita

Língua Portuguesa

História do Extremo Oriente

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História, Fi-

losofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

2.ª série

Língua Sânscrita

Literatura da Índia

Linguística Geral

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

g) Chinês:

1.ª série

Língua Chinesa

Língua Portuguesa

História do Extremo Oriente

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

2.ª série

Língua Chinesa

Literatura Chinesa

História do povo e da cultura chinesa

Dois matérias optativas, escolhidas nas seções de Letras, História,

Filosofia, ou nos diversos cursos da Seção de Estudos Orientais.

3.ª série

Língua Chinesa

Literatura Chinesa

Continuação do Anexo I

Artigo 3.º — Os cursos da Secção de Línguas Orientais terão a duração de quatro (4) anos, sendo três básicos e um de didáctica, regulamentados de acordo com a legislação vigente.

Artigo 4.º — Os três anos básicos dos cursos de que trata este decreto estarão assim estruturados:

- a) Russo:
- 1.ª série
Língua Russa
Língua Portuguesa
História da Civilização Bizantina.
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais
- 2.ª série
Língua Russa
Literatura Russa
História da Rússia e da Cultura Russa.
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 3.ª série
Língua Russa
Literatura Russa
Linguística Geral
Teoria Geral da Literatura
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- b) Hebraico:
- 1.ª série
Língua hebraica
Língua Portuguesa
História Oriental
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 2.ª série
Língua Hebraica
Literatura Hebraica
História do povo e da cultura judaica
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 3.ª série
Língua Hebraica (clássica e moderna)
Literatura Hebraica (clássica e moderna)
Linguística Geral
Teoria Geral da Literatura
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- c) Árabe:
- 1.ª série
Língua Árabe
Língua Portuguesa
História Oriental
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 2.ª série
Língua Árabe
Literatura Árabe
História dos povos árabes e da sua cultura
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 3.ª série
Língua Árabe
Literatura Árabe
Linguística Geral
Teoria Geral da Literatura
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- d) Arménio:
- 1.ª série
Língua Arménia
Língua Portuguesa
História Oriental
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 2.ª série
Língua Arménia
Literatura Arménia
História do povo e da cultura arménia
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.
- 3.ª série
Língua Arménia
Literatura Arménia
Linguística Geral
Teoria Geral da Literatura
Duas matérias optativas, escolhidas nas secções de Letras, História,

Linguística Geral

ou nas diversas secções de Letras, História, Filosofia, ou nos diversos cursos da Secção de Estudos Orientais.

Artigo 5.º — Por indicação de um Professor de qualquer dos cursos, o Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras poderá autorizar a substituição de uma das matérias optativas por outra fora dos cursos especificados no artigo anterior.

Artigo 6.º — As disciplinas dos cursos, mediante solicitação do professor responsável e aprovação da Congregação, poderão ser substituídas por outras mais convenientes.

Artigo 7.º — O Concurso de habilitação para a matrícula nos cursos da Secção de Estudos Orientais versará sobre as seguintes disciplinas:

I) Português

II) História Geral e

III) uma língua entre as seguintes:

- a) Francês
b) Italiano
c) Espanhol
d) Inglês e
e) Alemão

Artigo 8.º — Os portadores de diploma de Curso Superior em Letras, História, Geografia, Ciências Sociais e Filosofia, devidamente registrado na Diretoria do Ensino Superior, poderão matricular-se na 1.ª série de qualquer dos cursos da Secção de Estudos Orientais, independentemente de exame vestibular, desde que haja vaga.

Artigo 9.º — Mediante indicação do Conselho Técnico e Administrativo, serão ministradas por Professores da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e seus auxiliares de ensino as matérias da Secção de Línguas Orientais relacionadas com outros cursos do Instituto.

Parágrafo único — As demais matérias serão regidas por professores contratados ou visitantes, ou ainda por professores de Instituições Culturais de reconhecido valor, por proposta do C.T.A., aprovada pela Congregação.

Artigo 10.º — Aos alunos que concluírem os cursos de que trata este decreto será conferido o diploma de Bacharel ou Licenciado em Letras Orientais, indicada, em substituição, a especialidade feita.

Artigo 11.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 12.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio do Governo do Estado de São Paulo, 18 de setembro de 1962.

JOAQUIM DE SYLOS CINTRA

Presidente do Tribunal de Justiça, em exercício do cargo de Governador do Estado de São Paulo.

Eivaldo de Oliveira Mello

A. Ulhôa Cintra — Reitor

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Governo, aos 18 de setembro de 1962.

Fioravante Zampol, Diretor Geral

DECRETO N. 46.769, DE 17 DE SETEMBRO DE 1962

Retificação

No Artigo 3.º — Onde se lê:

... com fundamento nas cláusulas 19.ª e 20.ª do Contrato...

Leia-se:

... com fundamento nas cláusulas 10.ª e 20.ª do Contrato...

AVISO

Acha-se à venda, à Rua da Glória, 346

IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

o modelo de impresso N. 48, ao preço de Cr\$ 220,00 cada bloco com 100 folhas, referente ao

DECRETO N. 37.403,

de 22 de outubro de 1960, que regula o controle de despesas sujeitas a empenho automático e dá outras providências.

Anexo II

Decreto 50.863 de 18 de novembro de 1968

DIÁRIO OFICIAL
Estado de São Paulo

ANO LXXVIII — N.º 22C — TERÇA-FEIRA, 19 DE NOVEMBRO DE 1968

PÁGINA 31

DECRETO N.º 50.862, DE 18 DE NOVEMBRO DE 1968

"Altera dispositivo do Decreto n.º 50.563, de 17 de outubro de 1968 e dá outras providências".

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais,

Decreta:

Artigo 1.º — O artigo 1.º do Decreto n.º 50.563, de 17 de outubro de 1968, passa a ter a seguinte redação:

"Artigo 1.º — Fica autorizada, em caráter excepcional, na Secretaria da Segurança Pública, independentemente da observância do disposto no inciso I, do artigo 1.º, do Decreto n.º 49.532, de 26 de abril de 1968 e nos arts. 1.º e 2.º do Decreto n.º 50.254, de 27 de agosto de 1968, a admissão, a título precário, dentro dos limites e para as funções seguintes:

- a) 15 Médicos
- b) 15 Peritos Criminais
- c) 10 Fotógrafos
- d) 10 Desenhistas
- e) 15 Assistentes de Serviços Gerais
- f) 2 Farmacêuticos Bioquímicos
- g) 2 Técnicos de Laboratórios de Toxicologia
- h) 3 Operadores de Raios X.

Artigo 2.º — Aplica-se às admissões autorizadas no Decreto n.º 50.189, de 9 de agosto de 1968, o disposto no artigo anterior.

Artigo 3.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Palácio dos Bandeirantes, 18 de outubro de 1968.

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ

Hely Lopes Meirelles, Secretário da Segurança Pública

Publicado na Casa Civil, nos 18 de novembro de 1968

Maria Angelica Gallazzi, Responsável pelo S.N.A.

DECRETO N.º 50.863, DE 18 DE NOVEMBRO DE 1968

Cria, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, o Centro de Estudos Japoneses

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando de suas atribuições legais, nos termos do artigo 11 dos Estatutos da Universidade de São Paulo e de conformidade com o deliberado pelo Conselho Universitário da mesma Universidade em sessão de 18 de dezembro de 1967, e pelo Conselho Estadual de Educação, em sessão de 26 de agosto de 1968,

Decreta:

Artigo 1.º — Fica criado e incluído no artigo 9.º dos Estatutos da Universidade de São Paulo, baixados pelo Decreto n.º 40.346, de 7 de julho de 1962, o Centro de Estudos Japoneses (C.E.J.), na qualidade de Instituto anexo à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Artigo 2.º — O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Artigo 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio dos Bandeirantes, 18 de novembro de 1968.

ROBERTO COSTA DE ABREU SODRÉ

Hely Lourenço de Oliveira, Vice-Reitor, no exercício da Reitoria da Universidade de São Paulo

Publicado na Casa Civil, nos 18 de novembro de 1968.

Maria Angelica Gallazzi, Responsável pelo S.N.A.

DECRETO N.º 50.734, DE 11 DE NOVEMBRO DE 1968

Altera as Tabelas Explicativas do Orçamento vigente

Retificação

	NCr\$
No Artigo 1.º	
3.1.5.0 — 04	
500 — Despesas de exercícios encerrados.	
Onde se lê:	
Despesas pendentes de regularização contábil	5.000,00
Leia-se:	
7 — Regularização Contábil	5.000,00

Anexo III

Jornal A Gazeta de 20 de novembro de 1974

A GAZETA — 20.11.74

Os japoneses terão uma Casa de Cultura

"A Aliança Cultural Brasil-Japão, ao ensejo do lançamento da pedra fundamental alusiva à construção da Casa da Cultura do Japão no "campus" da Cidade Universitária de São Paulo, presentes altas autoridades do Brasil e do Japão e testemunhado por numeroso público, neste documento aos pósteros o desejo de conseguir a integração de dois povos que se uniram nos esforços por um só objetivo".

Este texto foi colocado numa urna, com a assinatura dos presentes, na companhia de diversos objetos simbólicos e exemplares de jornais de ontem com notícias sobre a solenidade, ontem pela manhã, num terreno de 50 x 42,5m, quase defronte aos prédios das Faculdades de História e Geografia da Universidade de São Paulo.

O terreno, cedido em comodato pela USP para a construção da Casa, abrigará dentro de no máximo 18 meses um prédio de 3 andares, mais um quarto, subterrâneo, que será distribuído entre salas de aulas e de pesquisas, biblioteca, salão de exposições, laboratório de línguas com equipamento audiovisual eletrônico e as sedes da Aliança Cultural

Brasil-Japão, o Centro de Estudos Japoneses da USP — anexo à Faculdade de Filosofia, atualmente — e diversos órgãos culturais japoneses em atividade no País.

A idéia surgiu em 1971, quando o então reitor Miguel Reale sugeriu que se construísse na Cidade Universitária, uma Casa da Cultura para cada um dos principais países que mantêm relações com o Brasil. Para construir a do Japão, foi convidada a Aliança que aceitou a tarefa. Seu então presidente, Sussumu Hirata — deputado federal morto em acidente automobilístico no último dia 8 —, conseguiu reunir cerca de 1 milhão de dólares para construir a Casa, com doações do Keidanren (a Fiesp dos japoneses), da comissão que administra os lucros da Expo-70, do governo japonês (conforme promessa pessoal do primeiro-ministro Kakuei Tanaka em sua visita ao Brasil) e da colônia, ativada pelo presidente da Comissão de Construção, o empresário Motosuke Fuji.

Segundo informou o atual reitor, Orlando Marques de Paiva, estão em entendimentos dois outros países para construir suas Casas da Cultura: Por-

tugal e Itália. O Japão, porém, é o primeiro, e esta iniciativa é também a primeira de seu país na América Latina.

O projeto da obra japonesa foi elaborado pelo presidente da Aliança Cultural, arquiteto Jun Okamoto, o primeiro orador de ontem, citando o primeiro presidente de sua entidade, o poeta Guilherme de Almeida: "O Japão é a estrada que vem do Extremo Oriente".

"A nossa relação diplomática", assinalou em seu discurso o embaixador Atushi Uyma, "iniciou-se há cerca de tres quartos de século e congratulo-me com os senhores ao constatar que se vem estreitando cada vez mais nos últimos anos a cooperação amistosa e fraternal entre os dois países e cujo futuro desenvolvimento depende, sem dúvida, do aumento da compreensão mútua entre os nossos povos. Dai, penso eu, devemos continuar nossos esforços para a intensificação dessa compreensão mútua".

Compareceram ainda o general reformado Sílvio Correia de Andrade, representando o governador Laudo Natel; o consul japonês em São Paulo, Massao Ito, e cerca de 200 pessoas da colônia.

Anexo IV

Jornal O Estado de São Paulo de 20 de novembro de 1974

O ESTADO DE SÃO PAULO - 20.11.74

LANÇADA PEDRA DA CASA DO JAPÃO

"A Aliança Cultural Brasil-Japão, ao ensejo do lançamento da pedra fundamental alusiva à construção da "Casa da Cultura do Japão", no "campus" da Cidade Universitária de São Paulo, presentes altas autoridades do Brasil e do Japão e testemunhado por numeroso público, manifesta neste documento aos pósteros o desejo de conseguir a integração de dois povos que se uniram nos esforços por um só objetivo".

Este texto foi colocado numa urna, com a assinatura dos presentes, juntamente com diversos objetos simbólicos e exemplares de jornais de ontem com notícias sobre a solenidade — todos da colônia japonesa, com exceção da FOLHA — enterrada ontem pela manhã, num terreno de 50 por 42,5 metros, quase defronte dos prédios das Faculdades de História e Geografia da Universidade de São Paulo.

O terreno, cedido em comodato pela USP para a construção da Casa, abrigará dentro de no máximo 18 meses um prédio de três andares, mais um quarto, subterrâneo, que será distri-

buido entre salas de aulas e de pesquisas, biblioteca, salão de exposições, laboratório de línguas com equipamento audiovisual eletrônico e as sedes da Aliança Cultural Brasil-Japão, o Centro de Estudos Japoneses da USP — anexo à Faculdade de Filosofia, atualmente — e diversos órgãos culturais japoneses em atividade no País.

A IDEIA

A idéia surgiu em 1971, quando o então reitor Miguel Reale sugeriu que se construísse, na Cidade Universitária, uma Casa da Cultura para cada um dos principais países que mantêm relações com o Brasil. Para construir a do Japão, foi convidada a Aliança, que aceitou a tarefa. Seu então presidente Sussumu Hirata — deputado federal morto em acidente automobilístico no último dia 8 —, conseguiu reunir cerca de 1 milhão de dólares para construir a Casa, com doações do Keidanren (a FIESP dos japoneses), da comissão que administra os lucros da Expo-70, do governo japonês, conforme promessa pessoal do



O consul fala durante o lançamento da pedra fundamental

primeiro-ministro Kakuei Tanaka em sua visita ao Brasil, e da colônia, ativada pelo presidente da Comissão de Construção, o empresário Motosuke Fuji.

O general reformado Sílvio Correia de Andrade representou o governador Laudo Natel, na cerimônia, presenciada pelo cônsul japonês em São Paulo, Masao Ito, e cerca de 200 representantes da colônia.

DIÁRIO NIPPAK - 20.11.74

十一月十一日の建設委員会
（日本文化研究）
の主任、伊藤雄雄領
大使、伊藤雄雄領
を折願した。

完

Anexo V

Contrato de Comodato assinado em 19 de novembro de 1974

CÓDIGO ADMINISTRATIVO 111
NÚMERO 10.401/71
19/11/74


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Cidade Universitária
Posto 500-001 - Caixa 20
Est. São Carlos - RUMOS 2
TELEF. 47 400-100

TERMO DE CONTRATO DE COMODATO

Aos 19 dias do mês de novembro de 1974, no edifício da Reitoria da Universidade de São Paulo, Cidade Universitária, térreo (Gabinete do Reitor), compareceram, de um lado, o Reitor da Universidade de São Paulo, Prof. Dr. Orlando Marques de Paiva, e, de outro, o sr. Arquiteto Jun Okamoto, Presidente em exercício da Aliança Cultural Brasil-Japão, sociedade civil, com sede à Rua São Joaquim nº 361, 2º andar, sala 26, nesta Capital, partes que tiveram por justo e contratado o seguinte:

CLÁUSULA I

A Universidade de São Paulo, daqui por diante designa de COMODANTE, empresta à Aliança Cultural Brasil-Japão, daqui por diante denominada COMODATÁRIA, uma área localizada no "campus" da Cidade Universitária, pelo prazo de 30 anos com possibilidade de renovação, de conformidade com o artigo nº 1.248 e seguintes do Código Civil Brasileiro, e nos termos do decidido pelo Conselho Técnico-Administrativo da COMODANTE (Processo HUSP-10.401/71).

CLÁUSULA II

A discriminação e especificação da área será feita pelo Fundo de Construção da Universidade de São Paulo, de conformidade com os elementos constantes do processo mencionado na cláusula anterior.

CLÁUSULA III

Obriga-se a COMODATÁRIA a construir no terreno em prestado um edifício destinado à Casa de Cultura Japonesa,



observadas as especificações do Fundo de Construção referido na Cláusula II, destinando-o exclusivamente ao ensino e à promoção da Cultura Japonesa em nível superior. Aplica-se-lhe, em caso de inadimplemento do prescrito nesta cláusula, o disposto nos artigos 1.251 e 1.252 do Código Civil Brasileiro.

§ 1º - As obras deverão ser iniciadas no prazo improrrogável de 1 (um) ano a contar da data da assinatura do presente termo, sob pena de rescisão automática do contrato.

§ 2º - As obras iniciadas na forma do parágrafo anterior deverão ser concluídas no prazo de 24 (vinte e quatro) meses, sob pena de rescisão automática do contrato, sem direito, para a Comodatária, à indenização por trabalhos de edificação iniciados ou benfeitorias feitas, que não poderão ser levantadas.

§ 3º - A sanção prevista nestes parágrafos não será aplicada em hipóteses de caso fortuito ou força maior, devidamente comprovados, a critério da COMODANTE.

CLÁUSULA IV

A COMODATÁRIA colocará gratuitamente à disposição do Centro de Estudos Japoneses da COMODANTE, criado pelo Decreto nº 50.863/68, as dependências e instalações da Casa de Cultura Japonesa referida na Cláusula III.

Parágrafo Único - As relações entre ambas as entidades mencionadas nesta Cláusula serão reguladas mediante convênio autônomo.

CLÁUSULA V

O contrato será automaticamente prorrogado por idêntico período, se nenhuma das partes não denunciá-lo antes de 12 (doze) meses do seu vencimento.

Trabalho de campo: entrevista semiestruturada

Data: 15 de fevereiro de 2017

Entrevistada: Professora Junko Ota

Local: Casa de Cultura Japonesa da USP

Quanto à criação da Casa de Cultura Japonesa (estou fazendo um breve histórico)

1. Saberá informar por que Portugal, Itália e Alemanha não atenderam a proposta de criar uma Casa de Cultura?

Na verdade, eu não encontrei nenhum dado dizendo porque que não houve esse tipo de atendimento. É meio difícil buscar isso nos papéis e documentos, não encontrei nenhum motivo. O que eu e a professora Madalena pensamos é que esses países não chegaram a ter uma...digamos...uma estrutura suficiente para juntar por exemplo, com, por exemplo, o Governo de Portugal e Itália, cada um destes com o grupo de imigrantes aqui no Brasil, para juntar os esforços e conseguir fazer esse tipo de empreendimento. No caso do Japão eu acho que houve, não sei porque, interesse por parte do Japão, por conta do investimento ou algum interesse econômico aqui no Brasil, penso eu, para satisfazer certos interesses econômicos deles e também houve por parte da colônia japonesa. Eu estou falando do prédio da Casa de Cultura Japonesa.

Eu estava olhando esse panfletinho aqui que na verdade é um pedido de doação para as entidades, eu entendi que era para a colônia japonesa para contribuir para o montante X que estavam propondo aqui a juntar. Só que eu não sei, isso aqui é digamos...uma proposta de juntar um valor X, não sei se de fato foi levantado essa soma de dinheiro. Não sei, essa é, digamos, uma carta solicitando a doação e certamente deve ter circulado pelas empresas japonesas aqui no Brasil, Associações diferentes da colônia japonesa, penso eu. Mas eu não consigo, não sei se teria em outro lugar perdido esse tipo de documento, mas não consigo ter agora para saber.

2. O papel da Aliança Cultural Brasil-Japão foi primordial para a construção da Casa de Cultura. Além disto, as doações (para o orçamento) por parte do Governo Japonês, *Nippon Keidanren* e outras instituições japonesas foram importantes para a concretização da obra?

Certamente. Aqui nesse panfleto, nesse documento aqui, eles estão propondo que da parte do Governo Japonês vai ter um montante X e da parte da colônia japonesa um montante Y e o montante X do Governo Japonês somando *Nippon Keidanren*, aquela Fundação da Expo 70 e outras empresas japonesas, essa soma era 03 vezes mais com relação ao valor que pensavam arrecadar junto à colônia japonesa. Então com certeza esse valor era maior. Já no passo inicial já previam isso. E de um lado é o Governo Japonês, o Governo, e por outro lado, digamos, esse lado dos imigrantes japoneses que já estavam aqui no Brasil que já é um lugar ou uma parte menor, digamos assim. Então não há dúvidas, de que essa parte do Japão foi fundamental. Mas, por outro lado, pelo que li nesse panfleto aqui, eles também não queriam que esse empreendimento seja fruto de iniciativa somente do lado japonês, que tenha outro lado aqui no Brasil para que seja uma obra conjunta, não uma coisa oficial do lado do Japão, sendo instalada unilateralmente e depois ficar aqui, sabe, um presente do outro lado do mundo. Então essa junção de interesses que teria sido, digamos, uma coisa importante.

Quanto à atuação e administração

3.O CEJAP tem posição de destaque na América Central e do Sul no que se refere aos estudos japoneses. Mas considera que tem alcançado os seus objetivos? Se não, quais são os impedimentos?

É uma pergunta meio difícil, tem que ter uma visão muito macro, não tenho uma visão tão macro assim, e eu estou aqui, mas sem poder enxergar por exemplo, olhando por outro lado, do lado de outros países da América Central e do Sul que você escreveu por e-mail?

Eu imagino que o Centro de Estudos Japoneses aqui no Brasil deve ter um papel maior do que outras entidades em outros países da América Latina, porque, não sei, o Brasil tem um número muito grande de imigrantes japoneses e seus descendentes, então por causa disso, eu acho que o elo com o Japão é bastante grande com relação a outros países da América Latina.

Eu me lembro quando participei da ALADAA, é Associação Latino-americana dos Estudos da Ásia e África tem um evento em rodízio em diferentes países da América Latina e, no Brasil não aconteceu ainda, estavam falando nos próximos anos. Mas quando

teve na Argentina, eu fui participar, e houve uma reunião com pessoas de diferentes países e daí deu para perceber que realmente não tem um grupo de pessoas com um curso assim, universitário que estude sobre o Japão. Eles têm eventualmente, cursos de Relações Internacionais e aí eles estudam, sobre, seus respectivos países em relação com relação econômica com o Japão, por exemplo. Então isso sim é estudado. Mas não um curso de graduação que trabalhe só com o japonês, com a língua japonesa, literatura japonesa. No Brasil tem 08 universidades com curso de graduação sobre língua, literatura japonesa. Isso, por exemplo, no Chile, não tem. Me pareceu que no Brasil esse tipo de estudo é maior. Mais específico sobre o Japão. E dentro disso, na USP também tem a ver como a USP estar no estado de São Paulo, onde se concentra o maior número de imigrantes de japoneses, isso resultou inclusive na construção desse prédio. E, também esse foi o curso mais antigo de japonês criado no Brasil. Então nesse sentido, é o curso mais antigo e tem o maior número de doutores comparando com alguns outros cursos, que têm professores doutores, mas nós temos somente professores doutores, os 08 são doutores. Então nesse sentido é, digamos, um polo mais importante. Nesse sentido, não sei como é vindo do Japão, já os estudos japoneses para os japoneses não sei como seria, dentro do universo do Brasil eu acho que São Paulo é um polo importante. Não somente pela presença dos japoneses e seus descendentes, mas também acho que toda a convivência cultural, eu acho que contribui para que as pessoas que não têm ascendência japonesa, também se interessem, então nesse sentido, eu acho que São Paulo é uma cidade importante, nesse sentido para todo esse trabalho de difusão da cultura japonesa. Isso tudo em junção, digamos, com o trabalho na universidade, assim como outras entidades privadas, como a Aliança Cultural Brasil-Japão que também contribui para o ensino da língua japonesa, o Centro Brasileiro de Língua Japonesa que também tem a ver com a formação de professores da língua japonesa, acho que nesse conjunto todo, nós sim, temos um papel de certo destaque sim. Não sei até que ponto isso é... a gente pode dizer que tem alcançado os seus objetivos mas, sempre pode haver um ideal maior. Então nesse sentido é... não sei até que ponto a gente tem conseguido tanta coisa satisfatoriamente porque cada um dos docentes nós estamos engajados assim, não só com a graduação, mas também curso de pós e com as pesquisas individuais ou em grupo, traduções; temos também bastante atribuições e aí nesse sentido não sei o quanto temos conseguido fazer. Talvez tenhamos que fazer muito mais, mas estamos fazendo menos. Mas enfim, não sei, a gente tem feito o que conseguimos fazer.

Agora, o que eu achei, comparando com um tempo atrás, é... eu acho que tinha consciência de que antes, o que nós fazíamos era assim, considerado, pesquisa do Centro de Estudos Japoneses, só que hoje, tenho a impressão que cada um de nós temos pesquisas diferentes, às vezes o grupo não é todo mundo junto, é que nós somos de diferentes áreas, por exemplo eu sou de língua, a professora Madalena de literatura, professor Mori que é de cultura e nem sempre a gente trabalha junto, por causa dessa especificidade de nossa área, só que há algum tempo atrás, quer dizer, no começo, quando se fez, por exemplo, a Introdução à Gramática da Língua Japonesa, que inclusive temos dois aí, quando fizeram, eu ajudei bem depois, mas quando se fez o livro inicialmente, estava o professor Teiti Suzuki que era da Cultura Japonesa e acho que a Sakae também era de literatura, mas enfim, cada um tinha, digamos, sua especificidade diferente mas faziam parte de um grupo só para fazer o livro. Então eu acho que é porque na época não tinha nada e tinha que começar do zero. Então todos tinham que estar voltados para uma coisa só. Então acho que isso era uma coisa, necessidade da época. No entanto, agora talvez nós podemos nos dar ao luxo de dizer que: “ah, eu sou de língua e não participo, por exemplo do projeto de cultura”, e vice-versa; as pessoas de literatura não participam por exemplo na confecção do livro, por exemplo, de língua, os de literatura fazem outras coisas, enquanto que os de línguas, ficamos assim, mais voltados para nossa área. Então são coisas que eu acho que nos primeiros anos, nas primeiras décadas, não tinha tanta noção de fazer esse tipo de divisão sabe. Nesse sentido, acho que tem, digamos, a forma de ser um pouco diferente. No caso, o Centro de Estudos Japoneses temos uma forma diferente da época inicial, da criação do Centro. E o que também nós achamos é de que, por exemplo, se a gente faz parte da graduação e também da pós e no curso de pós, tem uma coordenação da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Estudos de Ensino Superior), uma entidade federal que controla e avalia os cursos de ensino superior, curso de pós no Brasil todo. E eles pedem que, por exemplo, as nossas produções sejam computadas de maneira nominal, não adianta dizer que “ah faço parte do Centro de Estudos Japoneses e então esse trabalho é do Centro”, muitas vezes temos que dizer quem é. Eles não avaliam Centros, eles avaliam pessoas que fazem parte da pós, então há uma necessidade de colocar nomes. Às vezes o trabalho é feito conjuntamente, mas eu preciso declarar: “eu fiz junto com fulano, cicrano e beltrano” e eles na verdade fazem parte do Centro de Estudos Japoneses, mas também fazem parte do programa de pós. Fica uma coisa assim, não um trabalho do Centro, mas um trabalho de docentes, um trabalho de pesquisadores e esse tipo de formato não existia

nas primeiras décadas da existência do Centro de Estudos Japoneses, assim, eles falavam, ou melhor, nós falávamos que fizemos e estava bom. Então a forma que nós temos que declarar é que está diferente e também tem pressões diferentes, então, antes o curso de japonês não tinha curso de pós, agora tem o de mestrado, embora sem doutorado. Mas ao fazer parte do programa de pós, nós ficamos abaixo da CAPES avaliando, controlando, então tem certas demandas a qual temos que responder e nós temos que fazer de uma forma, coisas que antes não tinham. São coisas, que eu acho que, há mudanças que ocorrem, por causa da mudança de tempo mesmo, diferentes tempos com diferentes demandas e às vezes nós temos que usar muita energia para responder a esse tipo de demanda. E também o programa de pós tem a ver com, digamos, mais dinheiro. A CAPES dá uma verba X para os programas em universidades e as universidades distribuem conforme os programas, então o que acontece, diferentemente da graduação, a pós acabou tendo mais dinheiro, mas como tem essa questão do dinheiro, eles exercem uma pressão em cima e com isso eles fazem com que os que estão abaixo obedeçam, então tem esse poder do dinheiro aí em cima. Mas na verdade está tudo assim, o programa de pós de uma certa maneira, ganhou um destaque muito grande nos últimos anos, até mais que a graduação, então vira e mexe tem uma volta dizendo: “não, temos que trabalhar mais a graduação”, porque graduação é essencial para ter um curso melhor de pós. Mas não tem, por exemplo, uma entidade igual CAPES, a pós sim, no caso da graduação e a graduação fica por conta, digamos assim, da universidade e a universidade dependendo da gestão, da época, eles dão mais força para pós também, para graduação, isso é uma coisa que vai mudando. Então nós somos do Centro de Estudos Japoneses, da graduação e também da pós, então temos essas várias coisas juntas e cada um dos docentes exerce: direção, uma hora é diretor ou vice, coordenador da pós ou vice coordenador da pós, coordenador da graduação, cada um tem que ficar com uma função diferente em cada época, temos que ficar revezando, é difícil ficar livre e se dedicar, por exemplo à pesquisa.

4. A transferência da administração para a FFLCH foi positiva?

Passou por um comodato e a Aliança não tinha mais condições de arcar e mesmo porque antes de terminar estes 30 anos do comodato a Aliança já não conseguia arcar. Então tínhamos que pedir doações por ali e por aqui. Não foi por muito tempo, mas entidades como a OISCA fez parte, fazia reforma do auditório, consertar algumas coisas de

goteiras, então nesse sentido, a transferência para a USP, e conseguinte para a FFLCH eu acho que foi positiva. O prédio, o nome do prédio foi mantido Casa de Cultura Japonesa, mas ao fazer parte da Faculdade de Filosofia o prédio foi mais aberto e é por isso que tem embaixo, diferentes entidades, o Centro de Línguas por exemplo, um centro da Linguística, um outro que é Interdepartamental assim, aí tem um outro que é Diversitas, se você conseguir entrar no site vai conseguir ver, tem um Núcleo de Estudos com diferentes professores de diferentes áreas, eles juntam e discutem, por exemplo, questões de gênero, discriminação, raça assim, então, eles trabalham com pessoas de diferentes áreas (é interdisciplinar?), é bastante interdisciplinar. Eles têm também um programa de pós, interdisciplinar também. Então tem também esses diferentes grupos que estão presentes no prédio. O prédio, acho que ganhou vida com diferentes pessoas. É claro que a convivência com diferentes pessoas nem sempre é fácil, mas eu acho que foi positiva essa abertura para a Faculdade de Filosofia. Nós já pertencíamos à Faculdade de Filosofia, mas de uma forma meio..., o prédio não era de lá, nós éramos de lá, enfim, era uma coisa estranha. Agora sim nós fazemos parte e o prédio também faz parte da Faculdade de Filosofia. Eu acho que o prédio também, o auditório também está sendo bastante utilizado nesse sentido, eu considero positivo. Tem gente que acha, nós tínhamos prioridade de uso de determinados espaços, mas eu particularmente acho bastante positivo sim.

Última questão: diferente para cada entrevistada

5. Considera que os cursos de difusão (extensão universitária) poderiam ser ampliados? Se sim de que maneira?

Poder pode. Sempre há possibilidades. Mas, é claro que pode ter vários tipos de temas, assuntos, diferentes coisas que poderiam ser abordadas nos cursos de difusão. Agora mesmo estou coordenando os cursos de *Ikebana* e Chá, fora isso tem a oficina de mangá, que é uma coisa de oferecimento temporário, no primeiro semestre, não é de todos os anos. De difusão de *Ikebana* e Chá, isso todos os anos nós oferecemos. Mas assim, nós não somos especialistas, por exemplo, eu não consigo dar aulas de *Ikebana* ou Cerimônia do Chá. No caso da cerimônia do chá é mais fácil, porque a própria sala de chá foi doada pela Escola *Urasenke*, houve uma doação na própria construção do prédio, então desde 1969, a Escola *Urasenke* tem ministrado cursos anualmente. E no caso do *Ikebana* eu acho que foi posterior, como tem mais de um estilo, cada ano nós oferecemos estilos

diferentes. Neste caso prevíamos, que neste caso, teríamos que pedir para professores virem aqui dar aula, cada ano, para professores de estilos diferentes. Só que não está muito fácil. Nós não estamos podendo pagar para elas, para os professores, então isso é uma questão um pouco complicada. Nós já tivemos a ideia de aumentar e oferecer curso de shodo, de caligrafia, nós ficamos pensando, mas depois, “ah, mas não tem professor”, e aí a discussão ficou pela metade e estamos sem. Cada vez teríamos que criar um curso X e submeter e tal. Se tivesse mais tempo, queria dedicar a expandir muito mais, só que como eu sou também coordenadora do curso de japonês do Centro de Línguas, também tenho outras coisas para cuidar, fica difícil. É claro que não precisa ser eu para oferecer cursos, qualquer docente poderia oferecer curso de difusão cultural.

Mas na parte da graduação nós temos matutino e noturno de japonês e nós estamos dando apenas disciplinas obrigatórias para os de japonês, sem poder oferecer, por exemplo, cursos de disciplinas de optativas. E com a aposentadoria, por exemplo da prof. Nana, a prof. Nana se aposentou, ela continua como pesquisadora sênior. Aí a professora Madalena está para se aposentar também. Mas aí, quando se aposenta, essas pessoas já não dão muito os cursos de graduação, dariam cursos de pós, mas não de graduação. Então, nós não estamos podendo oferecer disciplinas optativas para nossos alunos de japonês. Como nós vamos aumentar esses cursos de difusão? É uma questão complicada, se tiver tempo para cuidar disso, melhor dedicar mais tempo aos alunos de graduação. E o fato da professora Madalena se aposentar, não significa que teremos uma vaga no lugar dela para uma outra pessoa, isso não está fácil, então por causa disto, é que a gente acaba meio que não podendo expandir os cursos de difusão cultural, criar uma coisa nova. Se for algo antigo como *Ikebana* e Cerimônia do Chá, meio que virou tradição, então continuamos cuidando desses cursos. Essa Oficina de Mangá foi uma proposta de uma aluna, ex-aluna, da professora Madalena, que terminou o mestrado e está fazendo doutorado na ECA. E como ela mesmo desenha, ela ficou de fazer o curso em conjunto com mais duas pessoas, ex-alunos de língua e cultura e os outros que também defenderam alguma coisa ligada à imagem. São duas pessoas que fizeram a dissertação sobre o mangá, *Guenji Monogatari*, essas coisas assim. E outra pessoa era sobre Yokai. E cada um iria abordar uma parte do tema. É claro que oficina de mangá é mais para fazer mangá, desenhar. Então, uma pessoa vai ser a principal e outras duas mais para falar um pouco sobre o trabalho deles, o mangá e a parte histórica. Então, como era uma proposta que já veio pronta, então a gente aceitou. É um trabalho de uma ex-aluna que se tornou mestre em nosso programa. Foi uma coisa bastante positiva. Antes de abrir, já vieram

consultas, assim, de uma pessoa de 15 anos que queria fazer o curso. Outro dia veio assim: “se uma pessoa de 12 anos podia fazer o curso? “. Umas consultas assim. Porque é o tipo de curso diferente, então acho que é positivo sim, oferecer esse tipo de curso diferente. Conforme esses que terminam mestrado, alguém para falar de cultura mais contemporânea é positivo sim. E teve um outro curso de difusão, será que foi de difusão? É que curso de difusão é uma das categorias da extensão universitária e tem outros tipos. E não foi sob a minha coordenação mas, tinha uma pessoa que fez o doutorado no Japão e ele se propôs a fazer um curso sobre cultura pop japonesa. Também teve uma grande procura, com grande lista de espera. Acho bom também, interessante também, oferecer cursos esporádicos, curtos, é positivo sim. Diferentes tipos de cursos podem ser oferecidos pelo Centro, mas também pelo Centro de Línguas, porque isso teria ligação com a língua, mas no ano passado houve oferecimento de oficina de memorização de *kanji*, que o próprio, um dos monitores de japonês do Centro de Línguas ele preparou para fazer, era assim, um curso de uma tarde só, para dar dicas de como memorizar *kanji*, tem certos assuntos que a gente consegue abordar sem ser pelo Centro. Dá para oferecer por outros meios também. Então acho que não tem que ser uma coisa muito estanque também, e outros cursos poderiam muito bem, abordar através de outros meios. Inclusive o pessoal de francês ofereceu alguma coisa de francês e outro ofereceu alguma coisa sobre questões interculturais sabe, encontro das culturas, isso é uma coisa que dá pra ser abordada também. Japão com outras culturas, Japão com o Brasil, questões de choques culturais, enfim. Então temos que trabalhar de acordo com o interesse da nossa época.

Trabalho de campo: entrevista semiestruturada

Data: 16 de fevereiro de 2017

Entrevistada: Professora Tae Suzuki (antiga diretora do Centro de Estudos Japoneses da USP)

Local: Casa de Cultura Japonesa da USP

Quanto à criação da Casa de Cultura Japonesa (estou fazendo um breve histórico)

1. Saberá informar por que Portugal, Itália e Alemanha não atenderam a proposta de criar uma Casa de Cultura?

Eu não saberia te dar os motivos concretos mas eu tenho impressão que foram pura questões econômicas, porquê na verdade, não sei se você sabe, mas aqui na USP, era só, já é grande coisa, evitou outra perda, o resto ficava por conta desses outros países. E o Japão, nós tivemos a sorte de receber a visita do Ex-Ministro Tanaka, Kakuei Tanaka, quer dizer, eu acho que o Centro de Estudos Japoneses entrou com o projeto, para conseguir essa verba que era restante, digamos, um tanto, uma verba, aquele fundo da Expo de 1970. Então a Expo tinha arrecadado um bom dinheiro e eles tinham reservado uma parte disso para projetos em outros países e o Brasil, quer dizer, o Centro de Estudos Japoneses que estava ali na Colméia, aliás, não é nem Colméia, naqueles alojamentos, o CRUSP. Nós ocupávamos uma sala lá e o Japão, o Centro de Estudos Japoneses entrou com esse projeto e conseguiu uma verba deste fundo da Expo. Não dava para construir tudo com essa verba, então o que a gente fez? Com esta bandeira, meu pai foi um deles, mas resolveu então fazer um apelo para a comunidade nipo-brasileira para arrecadar verba. Então esta Casa foi construída pela cessão do terreno pela USP, mais uma parte do Governo Japonês, esse fundo Expo e uma parte, eu acho que uma boa parte da comunidade nipo-brasileira e graças a isto o prédio foi erguido. Eu acho que não houve essa possibilidade com relação a outros países. Eu soube que a Alemanha queria e a Itália também, se não me falha a memória, mas não tinham como, porque era muito dinheiro. Inclusive, foi muito bizarro né, porque só o Japão? E era aquela época do boom econômico, ameaça amarela, e a gente passou certos apertos mas, conseguimos, mostramos que não era nada disso e hoje a questão está mais tranquila.

2. O papel da Aliança Cultural Brasil-Japão foi primordial para a construção da Casa de Cultura. Além disto, as doações (para o orçamento) por parte do Governo Japonês, Nippon Keidanren e outras instituições japonesas foram importantes para a concretização da obra?

Sim. Agora a Aliança foi muito importante. Se não fosse a Aliança... O Centro ainda não tinha uma existência jurídica. Então para receber esse dinheiro de fora, não foi fácil. Então a Aliança firmou um compromisso com o nosso Centro para que a gente pudesse, então, receber esse dinheiro. Porque, em princípio, a Aliança não pode entrar, quer dizer, é uma entidade estranha. Então como precisava desse CNPJ que na época o Centro não tinha, nesse sentido foi de uma presença crucial, importantíssima.

Quanto à atuação e administração

3. O CEJAP tem posição de destaque na América Central e do Sul no que se refere aos estudos japoneses. Mas considera que tem alcançado os seus objetivos?

Talvez eu falando das origens, como é que foi formado? Por que foi formado o Centro de Estudos Japoneses? Na verdade, o ponta pé inicial mesmo foi dos estudantes de japonês que queriam formar uma associação de estudantes, uma coisa bem de leve, nós formamos, informalmente. Mais para discutir a cultura japonesa, estudar um pouco a cultura japonesa, era uma coisa bem amadorística. Nisso o Suzukão, vou chamar de Suzukão, ele assumiu o curso e então, surgiu a ideia de formar um Centro de Pesquisa. E o objetivo sempre foi formar pesquisadores. Eu acho que nesse ponto o Suzukão foi muito feliz, porque ele trabalhou com duas frentes: uma que era de chamar professores visitantes. Então eles viam e ficavam. No começo tínhamos a ajuda da OTCA (*Overseas Technical Cooperation Agency*), já não existe mais, foi substituído pela Fundação Japão. Para você ver como é antiga a história. Então era a OTCA – *Overseas Technical Cooperation Agency* – que foi quem comprou essa ideia de trazer professores visitantes. Então, no início, eram dois professores por ano que ficavam cada um, dois anos. Então, às vezes eles intercalavam, às vezes coincidiam, mas depois intercalavam, mas a gente sempre tinha dois professores visitantes. Aliás, eu acho que foram três pilares: o outro pilar foi de enviar alunos daqui para se aperfeiçoarem no Japão e o terceiro que eu acho muito importante também foi a montagem desta biblioteca. E aí que entra o *Keidanren*. Mas enfim, então, essas associações sempre ajudaram em uma ou outra frente.

Por exemplo, nós bolsistas fomos pelo *Monbusho*, é o Governo Japonês. Os livros foram entidades japonesas que nos ajudaram e professores visitantes foi a OTCA, num primeiro momento e depois a Fundação Japão acho que até hoje continua, mas mais restrito para pós-graduação. Mas na época, a gente tinha cada aula que acho que nem no Japão teríamos oportunidade de assistir sabe, que era de formar os pesquisadores. Então essa primeira geração Sakae, Geny, talvez a Lídia – infelizmente ela faleceu – eu, tivemos a orientação desses professores ali, de língua clássica, literatura, sempre em Letras. A partir de um certo momento começou a ser mais professores de literatura e hoje então está mais diversificado. Então partimos do princípio de que para ser um japonólogo, não importa a especialidade, tem que saber japonês. Então a gente investiu firme na língua, não a língua falada, mas a língua lida, porque para lermos a bibliografia, para poder dar conta da bibliografia específica e aí então, com o decorrer do tempo, tanto é que os primeiros professores são especialistas em língua ou literatura, só a Sakae que era meio rebelde se especializou em teatro. Mas hoje já tem gente que trabalha mais na área de sociologia, de história. Então, nesse sentido eu acho que a gente, eu não digo que alcançou o objetivo, eu acho que a gente está cumprindo as etapas para chegar nesse objetivo. Eu acho que nesse sentido foi muito importante este norte que o Suzukão deu em criar essas frentes de atuação. Daqui para frente com a tecnologia desenvolvida eu acho que pode mudar, deve mudar, mas aí eu já não vou estar mais aqui. As coisas têm toda a sua dinâmica. Até, pelo menos o momento em que fiquei, aqui nesta Casa, eu acho que a gente cumpriu sim, cumpriu não, fomos construindo, estamos indo no caminho certo.

4.A transferência da administração para a FFLCH foi positiva?

Eu vou poder falar muito pouco porque eu acompanhei esse “passa, não passa”, “como passa” da negociação de que a gente queria ficar etc e tal, mas eu acho que faz parte do processo, como estava dizendo agora. Não estava dando mais para a gente arcar com tudo isso, só com a ajuda da Aliança. Coitada, a Aliança também já estava tendo um ônus muito pesado para eles. Mas você sabe como é japonês: assumiu um compromisso por 30 anos, eles cumpriram muito corretamente, cobriram tudo mesmo com dificuldades e eu sei que Aliança, alguns diretores eram contra, mas aguentaram bravamente e nesse sentido, só tenho a agradecer à Aliança. Agora, é a dinâmica. Quem pode falar melhor sobre isso são as novas, a Junko a Madalena, elas que assumiram nessa transição. Eu deixei a direção quando estava passando. Então quando eu atuava, eu achei que era o momento sim, porque é uma entidade da Universidade, a

Aliança não tinha nada a ver com isso, durante 30 anos, eles carregaram nos ombros e fizeram o que tinham que fazer. Agora, pedimos algumas prerrogativas, porque nada, nada, poxa, tem o sangue dos japoneses aqui, eles é que deram o seu dinheiro. Então, na transição eu batalhei para que não perdesse essa característica, tanto é que uma das condições era de manter o nome “Casa de Cultura Japonesa”, agora tem várias coisas que de japonês tem muito pouco, mas enfim, que ficássemos com essa parte de cima, porque já tínhamos alugado, porque essa Biblioteca é um outro pedaço complicado, sabe. A gente achava interessante que juntássemos ao Centro da USP, só que, eu visitei algumas Universidades americanas e o que eles fazem? Eles mantêm, porque é um documento, são livros muito difíceis de serem lidos, então não adianta colocar qualquer bibliotecário que não saiba o japonês só para emprestar e tirar pelo número. Não! Biblioteca não é só isso, é emprestar livros sim, mas você tem que ter a indicação nova, “tem tais e tais que podem ajudar”, etc e tal. Então tínhamos que manter a Biblioteca aqui junto da gente, mesmo porque os pesquisadores utilizam com mais frequência. Mas o meu projeto era de passar os títulos, como se fosse acervo da USP; é acervo da USP, que é de serviço dos japoneses, mas ele não está catalogado como acervo da Faculdade de Filosofia ou da Biblioteca Central. Então o ideal, ao meu ver, ainda hoje não sei em que pé andam as coisas, seria de colocar lá nas observações: “Lotado na Casa de Cultura Japonesa” ou “na Biblioteca Teiti Suzuki”, simples assim. E mais, os títulos todos iriam para lá enriqueceriam o acervo. Eu depois, não sei, foi neste instante que eu deixei a direção. Então, eu tive algumas brigas com as chefes de bibliotecas. Mas eu acho que o ideal é esse. É assim, a USP, os livros ficam catalogados lá e para isso a gente vai ter que fazer a transcrição românica, mas o atendimento tem que ser aqui. Se isso aqui for para a Biblioteca Central se perde. Isso, não pode deixar acontecer. Então tem certos cuidados que a gente tem que tomar para não perder tudo o que a gente veio fazendo até aqui. Eu espero que as mais jovens estejam dando continuação a isso. Agora, nós somos muito críticos, entre parênteses, as primeiras gerações, nós fomos muito criticados, eles achavam que nós éramos muito purista, mas batíamos sempre: “tem que saber japonês”. Não existe japonólogo que não leia, pelo menos que não leia o japonês. Eu acho que num primeiro momento pode ser fonte secundária, inglês, francês seja lá que língua for. Mas quando você passa a ser especialista você tem que ler o japonês. Essa era a nossa bandeira, pelo menos no começo sempre batalhamos por isso. Fomos criticados? Fomos, puxa e quanto! Mas não estávamos errados não, era por aí que tínhamos que seguir. Tem assim, japonólogos de origem não japonesa, olha, o mais famoso é o Donald King, ele é mais japonês do que qualquer outro, tudo bem, ele lê, ele fala, sabe.

Enfim, tem que entrar de cabeça. Primeira coisa, para mim, ainda continua sendo, estou lá em Brasília, tem que saber japonês! Tem que saber ler em japonês.

Últimas questões: diferente para cada entrevistada

5. Acreditamos que o professor Teiti Suzuki desempenhou um papel fundamental na criação da Casa de Cultura Japonesa. Qual foi sua principal função?

Eu sou muito suspeita, sou a filha dele, mas eu acho que o Suzukão, aquilo que eu falei, logo no começo. Ele abriu a trilha na direção certa. Ele não era um japonólogo mas amava a cultura japonesa e ele era muito sério neste sentido. Quando eu falei do projeto do programa de professores visitantes ele chamou especialistas de primeira linha, para dar aula para a gente. Imagina, nós não éramos nada. Eu me lembro que no começo, eram dois linguistas e eles faziam discussão, eu não entendia nada. Era só Sakae e eu na época, bolsistas daqui do Centro. Sakae olhava para minha cara, eu olhava para cara dela e a gente ficava rabiscando, passando recado e a professora nos pegou: “o que vocês estão fazendo?” – só para te dar uma ideia de como era a coisa, eles discutiam já em alto nível e a gente teve que se esforçar para chegar e graças a isso muitos de nós pudemos fazer a pós-graduação lá no Japão, porque sem isso, era como se fosse uma criança de jardim de infância diante de um universitário, sabe. Então este eu acho que foi o caminho correto, porque um professor podia formar três, quatro futuros pesquisadores e ao mesmo tempo ele enviava os bolsistas, os pesquisadores, ou enfim, os voluntários da época que tinham interesse pelos estudos e enviar para o Japão. E aí formou-se uma variedade, os primeiros foram de língua, é verdade, mas depois aumentou para literatura e assim vai, continua até hoje, imagino que continua indo alunos daqui do curso. Então temos um Fernando Chamas no mercado, sabe. Lá em Brasília também a gente trabalha mais ou menos na mesma frente e assim vai. E um terceiro que é a Biblioteca. Com isso, eu acho que deixou claro o que era o caminho que o Centro de Estudos Japoneses tinha que seguir. Até quando? Até onde eu não sei, mas pelo menos até a coisa enraizar, porque depois que cria raízes, aí pode ir para um lado ou outro, e não vai perder o rumo. Mas, nesse sentido, eu acho que o papel do Suzukão foi primordial, ele deu essa seriedade, digamos, tanto é que hoje somos reconhecidos em termos de Brasil, de América Latina.

- 6) A Casa de Cultura Japonesa foi criada para acolher o Centro de Estudos Japoneses da USP?

Foi, foi. Tanto é que no começo dávamos tudo. Não havia outra entidade, a Aliança tentou dar alguns cursos aqui dentro, mas é muito difícil para gente da comunidade vir até aqui. Segundo, porque não podia também. Mas sempre a gente dava essa complementação, mas foi muito difícil, não deu certo. Então, foi para acolher, sem dúvida. Por isso, é que quando a gente entregou para a USP, à Faculdade de Filosofia, falamos: “nós queremos tais, tais e tais espaços, disse nós não abrimos mão”. E o resto, lá embaixo foi até bom porque anima, sempre tem gente, quartas o dia todo, antes não tinha. Tinha que fechar sabe, era perigoso até. Mas, converse com a Madalena e Junko, acho que elas podem dizer melhor.

7) O professor Teiiti Suzuki foi atuante no sentido de arrecadar fundos para a construção da Casa de Cultura Japonesa?

Sem ele não teria. Porque ele, meu pai, agora pessoalmente falando, ele era muito cara-de-pau. Por outro lado, ele foi um idealista, por um ideal, ele se matava, sabe. Tanto é que ele é uma *persona non grata* na comunidade, eu acho. Eu acho, não sei. Mas eu acho que a Aliança, coitada, foi trazida assim, caiu de paraquedas, por isso, eu acho que muitos membros da diretoria não gostaram dessa ideia, sabe. O diretor da época comprou a ideia, ele apostou e deu certo. Por isso é que eu acho que o nome da Aliança não pode ser esquecido no histórico da Casa. Sem os ombros deles, nós não teríamos conseguido erguer tudo isso. Esse apelo para a comunidade, a Aliança teve muito a ver com isso. Tem uma personalidade que, eu acho que se posso citar nominalmente foi o ex-deputado Hirata, Sussumu Hirata, ele comprou essa ideia, tanto é que ele faleceu pouco antes de colocar a Pedra Fundamental. Ele faleceu em acidente de carro. E no dia da Pedra Fundamental, eu fiquei sabendo, eu vi numa foto, o que estão fazendo? Colocaram o boné que ele costumava usar para fazer a propaganda política dele, no solo estava o boné do Sussumu Hirata. Então nesse trabalho junto à comunidade, eu acho que o nome do Sussumu Hirata e da Aliança são essenciais. Essa coisa, talvez a nova geração não saiba. Eu também pensei assim, os por menores eu não saberia dizer, mas foram pessoas importantes.

Trabalho de campo: entrevista semiestruturada

Data: 17 de fevereiro de 2017

Entrevistada: Professora Madalena Natsuko Hashimoto Cordaro- atual diretora do Centro de Estudos Japoneses da USP

Local: Casa de Cultura Japonesa da USP

Quanto à criação da Casa de Cultura Japonesa (estou fazendo um breve histórico)

1. Saberá informar por que Portugal, Itália e Alemanha não atenderam a proposta de criar uma Casa de Cultura?

Não é da minha época eu não saberia responder, eu só posso supor que os esforços dos japoneses foram mais efetivos e portanto foram realizados. Porque, realmente uma Casa de Cultura é um trabalho monstruoso para ser feito pois, tem que começar do zero. Desde a pedra fundamental ou a pedra inaugural, ao desenho do prédio, a construção do prédio é um trabalho insano mesmo. E aos japoneses, sei lá, coube-nos uma época de muito esforço e união e conseguimos fazer. Eu ouço falar que, a figura do professor Teiti Suzuki e suas artimanhas políticas foram muito importantes na execução e na união da Universidade com a colônia japonesa e o Governo Japonês, é um elo dessas 03 coisas, porque não basta a Universidade querer fazer se não tem a verba e tendo a vontade e a verba, não tendo o apoio da comunidade, também fica difícil. Então o único que conseguiu fazer isso foi a área de japonês, graças ao professor Teiti Suzuki e à força do Deputado Sussumu Hirata, também ouço falar muito disso que na época ele era uma pessoa muito ativa e conseguiu encaminhar os trâmites no Governo e também junto ao Consulado. Então essa seria a primeira pergunta. Eu diria então que as áreas de português, italiano e alemã não tiveram a união dessas 03 categorias para fazer. Acho que não lhes interessava muito. Portugal tem uma Casa de Portugal na Liberdade, se não me engano. A Itália é mais difusa, a colônia italiana é mais anarquista sempre, nunca tem essa questão da coerência de grupo e tal. E a Alemanha tenho impressão...a colônia alemã não é muito grande aqui em São Paulo é mais no Sul. Então, talvez por isso, a presença em São Paulo não é tão significativa. Talvez seja por isso.

2. O papel da Aliança Cultural Brasil-Japão foi primordial para a construção da Casa de Cultura. Além disto, as doações (para o orçamento) por parte do Governo Japonês, Nippon Keidanren e outras instituições japonesas foram importantes para a concretização da obra?

Lógico, foram fundamentais. Pelo histórico que conseguimos levantar toda verba veio exatamente daí. Eu não vi, em lugar nenhum dizendo que a USP disponibilizou alguma verba, a USP disponibilizou o terreno. E fez esse contrato de comodato de 30 anos, como se fosse assim, já muito ceder este terreno dentro de uma Universidade para fazer uma Casa de Cultura estrangeira, seriam as estrangeiras. Bom, na verdade, creio que a USP se disponibilizou, na presença de seus reitores, já esqueci o nome do Reitor da época, mas enfim ele teve a boa vontade de internacionalizar, foi o primeiro passo. Só a japonesa que conseguiu, graças às verbas todas vindas de fora. Então, isso por outro lado criou uma situação para Casa de Cultura Japonesa e para o Centro de Estudos Japoneses, na verdade a instituição USP, dentro da Casa de Cultura Japonesa foi sempre um pouco vista com olhos, como dizer, como se fossemos diferentes, dentro da comunidade uspiana, e de fato éramos, tínhamos essa Casa, tínhamos só para os estudos japoneses e para as coisas japonesas e isso gerou um certo mal-estar porque a USP não auxiliava em nada, na manutenção deste espaço, isso estava a cargo da Aliança Cultural Brasil-Japão, totalmente. O Centro de Estudos Japoneses não tem verba pessoal-particular, os pesquisadores são docentes da Letras, e portanto são funcionários da USP e sem verba externa. Então, também gerava uma situação um pouco embaraçosa tanto do lado dos outros professores, quanto do lado do japonês. Então para o auxílio de projetos e coisas assim, parece que a USP não queria nos ajudar porque nós tínhamos o Japão. Durante muito tempo essa foi a, digamos, a cisão. Eu creio também que isso se devia ao fato desta Casa estar completamente aqui, na USP. Mas eu creio também que essa Casa foi construída em um terreno que eles consideravam menos nobre. Um espaço mais nobre seria mais para dentro da Cidade Universitária, ou seja, onde estava a antiga Reitoria, que agora é a atual Reitoria de novo. Essa estética do centro que o Ocidente gosta, no centro a coisa mais importante é a Reitoria, então fica no centro da Cidade Universitária. E aqui nós estamos um pouco na periferia, então não é um terreno tão nobre, só que hoje é o contrário, esse terreno ficou nobre, a Cidade Universitária inteira perdeu um pouco essa questão da centralidade, então chama muito a atenção esse prédio, por causa da sua

arquitetura, por causa da sua beleza mesmo, estética e seu espaço, o anfiteatro, essa Biblioteca maravilhosa, enfim, por isso, é como se nós fossemos privilegiados demais. Acho que você como aluna, notou isso.

Quanto à atuação e administração

3.O CEJAP tem posição de destaque na América Central e do Sul no que se refere aos estudos japoneses. Mas considera que tem alcançado os seus objetivos? Se não, quais são os impedimentos?

Nós sempre colocamos os objetivos mais à frente, para gente sempre ter, mais sonhos, ou mais coisas para realizar, mais tarefas. Há 20 anos atrás os objetivos estavam mais, digamos, simples e à medida que foram alcançados tornaram-se mais complexos, e isto é evidente. Basta ver nossa revista *Estudos Japoneses*, o primeiro volume tinha 30 páginas e hoje nós já fazemos volumes maiores, já teve volume com mais de 300 páginas. Então a ambição dos nossos objetivos vai aumentando conforme a realização deles. De fato o CEJAP tem destaque na América Central e do Sul porque estive em Congressos na Argentina, na Colômbia, no Chile, são os 03 países que eu conheço e nenhum deles tem estudos japoneses, em estudos japoneses como temos aqui no Brasil e, então, queremos sempre ter mais. E o que nós queremos ter mais agora, no momento que não conseguimos fazer é...o Centro de Estudos Japoneses da USP é composto pelo seus docentes da Letras que tem que dar aulas na graduação, pós-graduação, orientar e realizar tarefas burocráticas. E conseguimos nesses últimos anos, na nossa gestão, funcionários da USP, antes nem isso tínhamos. Então isso é mais um objetivo atingido, alcançado, agora nós queremos funcionários mais letrados em japonês e nós não temos. Então para termos pessoas que falem japonês, nós temos que trabalhar com monitores e estagiários do nosso curso de japonês, que vão mudando a cada ano. E quando a gente muda o pessoal todo ano, é sempre um recomeço, um funcionário que fica lá sempre é bem mais tranquilo para uma instituição funcionar. Então esse também é um impedimento, a falta de pessoal funcional, técnico, funcionários. O que entra na questão número 04.

4. A transferência da administração para a FFLCH foi positiva?

Já estava previsto que seria parte da USP, administrado pela USP, já estava previsto no começo da proposição dessas Casas de Cultura. Agora, para onde iria esse prédio? Essa foi a parte que a professora Junko e eu tivemos que trabalhar, eu como vice dela, tivemos que trabalhar intensamente, porque a Casa de Cultura Japonesa poderia perder seu nome, poderia ir para o Instituto de Estudos Avançados, poderia ir para Poli, poderia ser da Farmácia, poderia perder totalmente e o Centro de Estudos Japoneses ou sua Biblioteca poderiam ser deslocados daqui. Realmente havia muita pressão nesse sentido, então essa transição foi muito, muito complexa. Nós, professora Junko e eu, contamos, felizmente, na época com a ajuda do professor Sedi Hirano que era diretor da FFLCH. Professor Sedi Hirano não é de estudos japoneses ele é Nikkei, mas não necessariamente esteve envolvido ou na colônia ou em estudos relativos ao Japão. Pelo contrário, ele é das Ciências Sociais e não tinha absolutamente nada a ver com estudos japoneses. Mas o fato de ele ser diretor, exatamente nessa época e nós estávamos com esse problema de passar a Casa de Cultura Japonesa para a USP e nós, Centro de Estudos Japoneses sermos da Letras que é da Faculdade de Filosofia, evidentemente nós queríamos continuar, que a Casa de Cultura Japonesa ficasse com a FFLCH e que nós, Centro de Estudos Japoneses ficássemos aqui também e não nos mudássemos. Então professor Sedi Hirano e o professor Kokei Uehara nos ajudaram imensamente. O professor Kokei, porque tinha muito trânsito na Reitoria, era professor titular da Poli, já aposentado com uma carreira bastante emérita, então ele foi um anjo da guarda, nos ajudou muito, inclusive falando com as Reitorias. E o professor Sedi ajudou imensamente na transferência dos papéis também que são julgados ou decididos nas instâncias superiores. Nós, o Centro de Estudos Japoneses ele é ligado ao Departamento de Orientais, quer dizer, nós temos o chefe de Orientais e depois o diretor da Faculdade. Então esse tipo de conversa é entre direção de unidade e Reitoria, Pró-Reitorias e então nós não conseguimos chegar lá diretamente. Então através do apoio do professor Sedi e do professor Uehara nós conseguimos registrar essa passagem da Casa de Cultura Japonesa para USP e a Aliança Cultura Brasil-Japão veio fazer também parte dessa mudança de chaves, digamos assim, e foi acordado que o nome da Casa se manteria em prol do seu histórico e o Centro de Estudos Japoneses permaneceria aqui juntamente com a sua Biblioteca. Então foi muito positiva essa transferência da administração porque hoje nós temos mais segurança, nós não tínhamos segurança, muitos furtos aconteciam aqui, nós temos zeladoria dia e noite, nós temos todos os serviços de técnicos de internet, técnicos de, como se diz, pintores, marceneiros, tudo o que a gente precisava está no mesmo nível que as outras unidades da

USP. Antes a gente não tinha nada, então nesse sentido, foi muito positivo. Nós não temos mais que passar o chapéu, para lojas de nikkei para consertar alguma torneira que está vazando, qualquer coisa assim, tem esse nível. Eu acho que foi muito positiva sim.

Última questão: diferente para cada entrevistada

5.Qual seria o maior desafio para o CEJAP hoje, em relação a administração? Há necessidade de melhorias?

Em relação à administração eu posso dizer é que uma coisa é o Centro de Estudos Japoneses e outra coisa é a Casa de Cultura Japonesa. Então a Casa de Cultura Japonesa tem uma Comissão e essa Comissão se chama Comissão de Qualidade de Vida do prédio de Letras, do prédio de não sei o que, então essa é a Comissão de Qualidade de Vida da CCJ que no caso a diretora, a Presidente dessa Comissão é a professora Junko. O que a gente faz nessa Comissão? A gente vê problemas de ordem geral, de manutenção da Casa e às vezes, de eventos e de problemas quanto a eventos acadêmicos ou coisas assim. Mas, e a dificuldade aqui é essa: a gente não consegue atendimento dos nossos pedidos. Já há 04 anos estamos pedindo manutenção externa, pintura, e... retificação de vazamentos nas tubulações. A resposta é sempre positiva, porém não realizada. Estamos sempre em primeiro ou segundo lugar das prioridades, porém a verba nunca vem. Então já passamos por 03 diretores, essa é a terceira diretora e também é a mesma conversa, nós estamos na prioridade mas, nada acontece. O Centro de Estudos Japoneses, a Casa de Cultura Japonesa hoje tem, é ocupada pelo Centro de Estudos Japoneses, pelo Diversitás que é um laboratório da História, originalmente da História. Temos um Núcleo do Russo; temos Centro de Línguas que é interdepartamental; temos 02 pequenos projetos que estão lá. Então, esse é um problema para nós, conseguirmos verba para realizar a manutenção mais adequada. Mas, por outro lado, temos telefonia, temos internet, as lâmpadas são trocadas periodicamente, temos segurança, temos limpeza. Então eu acho que é mais positivo. Em relação à administração diria que é isso, é um desafio para o CEJAP. Mas o CEJAP não é só administração, então há projetos, que nós gostaríamos de fazer, são projetos acadêmicos, e esses projetos acadêmicos é que estão mais prejudicados, na minha opinião, porque os professores estão tão requisitados que não têm tempo, nós não temos tempo de sermos um corpo de pesquisadores, nós somos pesquisadores que estão dividindo o mesmo espaço. É difícil a gente se unir para um projeto em comum, a não ser a realização de eventos, mas a realização de pesquisas conjuntas tem

sofrido um bocado. As pesquisas são, digamos, com outros participantes de outras universidades. Então é por área, sabe, por exemplo o professor Mori é de Antropologia, ele faz pesquisa com antropólogos, se eu vou fazer uma pesquisa de arte eu pego outras, como por exemplo a professora Mitiko da Federal, algum professor da ECA, e a mesma coisa a professora de linguística. Então a questão de projetos acadêmicos é um pouco mais difícil de ser realizada. E outra coisa que o CEJAP tem desafio hoje é conseguir verba para sua realização de projetos. Mas essa é uma realidade brasileira em todas as áreas, eu acho que até que não estamos tão mal.